

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 21
OUTUBRO 2016

223

EDITORIA
CAVI

clubedoaudioevideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



TESTAMOS A OBRA PRIMA DA SONY

SONY XBR-75Z9D

E MAIS

TESTE DE ÁUDIO

CABO QED REFERENCE DIGITAL AUDIO 40
CABO DE FORÇA ACROLINK 7N-P4020III

OPINIÃO

CLAMPS, CLAMPS E MAIS CLAMPS

MATÉRIA TÉCNICA

TV ULTRA HD 4K: AFINAL, SÃO TODAS IGUAIS?
UM BOM CONTATO É FUNDAMENTAL
NO HI-END

MUSICIAN:

**BEETHOVEN: A CONSUMAÇÃO DO CLASSICISMO -
20 OBRAS OBRIGATÓRIAS**

VIRTUOSISMO MUSICAL

CAIXA ACÚSTICA RAIDHO C-3.1



SAMSUNG

VIVA EXPERIÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS
através de uma TV Samsung SUHD
com tela de Pontos Quânticos.



Tela de Pontos Quânticos: 1 bilhão de cores, brilho e contraste de cinema.

PRODUZIDO NO
POLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA

Imagens meramente ilustrativas.

THIS IS TV. **SUHD TV**
Quantum dot

www.samsung.com.br/SUHD

ÍNDICE



CAIXA ACÚSTICA RAIDHO C-3.1

30



EDITORIAL 4

Um outubro de esperanças



NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado



HI-END PELO MUNDO 12

Novidades



OPINIÃO 16

Clamps, clamps e mais clamps



MATÉRIA TÉCNICA 18

TV Ultra HD 4K: afinal, são todas iguais?



MATÉRIA TÉCNICA 22

Um bom contato é fundamental no hi-end



NÚCLEO CASA 26

Composição de ideias transforma apartamento em funcional



36



40



46



TESTES DE ÁUDIO

30

Caixa acústica Raidho C-3.1

36

Cabo QED Reference Digital Audio 40

40

Cabo de força Acrolink 7N-P4020III



TESTE DE VÍDEO

46

TV Sony XBR-75Z9D



DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

- Beethoven - a consumação do classicismo 54
- Beethoven - aberturas e concertos 58
- Beethoven - obras para piano solo 60
- Beethoven - música de câmara 62
- Beethoven - obras vocais 64



ESPAÇO ABERTO 66

Equilíbrio tonal, acústica e elétrica. 75% do pacote hi-end



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

UM OUTUBRO DE ESPERANÇAS

Com quem conversei, 2016 é um ano para ser esquecido, assim como também o foi 2015. Mas sinceramente acho que 2016, apesar da crise que atravessamos, possui uma característica distinta do ano passado. Em outubro de 2015, todos sabíamos que a crise só iria aumentar e se agravar. Todos os indícios apontavam para um 2016 ainda pior, com o vácuo na governança de nossa agora 'ex- presidenta', que naquela altura já havia perdido a capacidade de se manter no cargo. Foram meses muito difíceis, de números econômicos assustadores, como se o país estivesse em queda livre. Em alguns setores da economia encolhemos uma década! É como se tivéssemos voltado no tempo! E, segundo os economistas (que espero que estejam errados), levaremos uma década para nos recuperarmos do tombo! Mas, com toda essa crise, ainda assim vejo alguns sinais alentadores já no horizonte dessa linda primavera que se inicia. Primeiramente sobrevivemos talvez a crise mais aguda e dramática que esse país pós industrialização já passou. E ainda que muitos estejam hibernando, e esperando uma sinalização mais eficaz e segura que o pior já passou, segmentos como o hi-end sinalizam disposição em investir e seguir adiante. Darei alguns exemplos para mostrar amigo leitor que de fato isso já está ocorrendo. No segmento de televisores premium testamos, este ano, dois televisores top de linha de dois dos mais expressivos fabricantes mundiais: o modelo UN88KS9800 da Samsung na edição 221, e nesta edição testamos com exclusividade a Sony XBR 75Z9D. É sem dúvida alguma o melhor televisor já fabricado pela Sony nos seus 70 anos de vida! E com o crescimento acelerado das vendas no mundo dos televisores 4K, é importante que o nosso leitor saiba as vantagens que essa nova tecnologia oferece em termos de qualidade de imagem e recursos. Pensando em futuros upgrades, nosso colaborador

Jean Rothman escreveu uma matéria técnica esclarecendo o que o consumidor deve estar atento na hora de escolher seu televisor 4K. Passando para o mercado de áudio Hi-End, testamos nessa edição uma das caixas mais premiadas e cobiçadas por audiófilos de todo o mundo: a Raidho C-3.1 - e, acreditem, ela possui realmente características encantadoras! Os dois testes principais desta edição sinalizam que pelo menos o nosso segmento já começa a dar sinais que o pior da crise já passou. E outra boa notícia é perceber que o número de produtos a serem enviados para teste também começam a se multiplicar. Como já vivemos outras crises antes nas nossas duas décadas de vida, sabemos exatamente (como dizemos aqui na redação) quando a fila começa a andar! E só esse pequeno alento, vindo ainda que no final de um ano tão complicado, já nos enche de esperança!

Outra grande novidade é que fechamos uma parceria com o Núcleo Casa, o maior e mais completo programa de reconhecimento no segmento de arquitetura e design, relacionamento e qualificação de lojas fornecedoras. Desde sua fundação oficial em 2009 na cidade de Limeira - interior de São Paulo - passou por várias etapas de crescimento que fizeram com que a empresa firmasse seu posicionamento no mercado. Hoje atuando em mais de 50 cidades nos estados de Goiás, Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo, com mais de 150 lojas associadas de diversos segmentos de construção e decoração, com sistema de funcionamento pioneiro no mercado - onde possui patente requerida - que o torna competitivo em nível nacional. E você já pode conferir essa nova parceria, na página 26. Espero que para você também, amigo leitor, as coisas já estejam entrando nos eixos! Uma ótima leitura e que a primavera nos traga conforto e paz! ■

CONCERTA²TM

HIGH-END A UM CUSTO ACESSÍVEL.

Finalmente, chegou ao Brasil a linha **Revel Concerta 2**. Uma nova linha de alto-falantes que combina design elegante e sofisticado com a qualidade acústica e os avanços tecnológicos pelos quais a Revel é reverenciada.

Conheça o som High-End e acessível da linha Revel Concerta 2.

 **REVEL**[®]
The World's Finest Loudspeakers

55 12 2285- 0500 • contatoav@avgroup.com.br

 **AV
GROUP**
www.avgroup.com.br

REPRESENTANTE OFICIAL

 **REVEL**[®]

lexicon

mark
levinson[®]

JBL

SYNTHESIS[®]



SAMSUNG APRESENTA TVS SUHD COM TELA DE PONTOS QUÂNTICOS



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6WKKOAug3Uk](https://www.youtube.com/watch?v=6WKKOAug3Uk)

A Samsung, líder mundial há 10 anos no segmento de TVs, lança campanha intitulada “Expedição SUHD”. Com o mote “Viva Experiências Extraordinárias”, a peça publicitária criada pela Leo Burnett será veiculada a partir do dia 30 de setembro em canais digitais. O cenário escolhido desta vez foi o Alasca, com suas paisagens exuberantes, e Inuits, moradores de uma tribo local, como protagonistas. Esta semana, a companhia divulgou dois teasers para começar a contar essa história real para os consumidores.

A nova campanha é um convite para os consumidores viverem experiências extraordinárias através da sua tela de ponto quântico, considerada a melhor do mercado em termos de qualidade de imagem, oferecendo o mais alto padrão de brilho e contraste, como no cinema.

Tudo começa com um Inuit, que sai pela primeira vez na vida de sua tribo local no Alasca, para conhecer uma nova realidade, no Havaí. O rapaz – acostumado com casacos e muito frio, sob um cenário branco e sem cor – é levado a um local colorido, cheio de detalhes. No fundo do mar, ele passa a ter contato com uma realidade completamente diferente e toda essa experiência é filmada em detalhes. Ao retornar para o Alasca, seus parentes e amigos assistem à emocionante experiência de uma TV SUHD da Samsung com pontos quânticos. Graças a essa tecnologia, todos têm a oportunidade de vivenciar essa aventura como na vida real.

“A ideia foi tirá-lo de seu habitat natural para que pudesse viver uma experiência completamente nova e inesquecível, em um local extraordinário. Além disso, nosso objetivo era proporcionar um momento emocionante aos seus parentes e amigos através da nova TV SUHD com pontos quânticos da Samsung. O realismo das imagens é impressionante e fez com que a tribo realmente se sentisse parte da aventura” afirma Andrea Mello, Diretora de Marketing Corporativo e Consumer Electronics da Samsung Brasil.

Em julho deste ano, a Samsung apresentou no país a campanha global para a nova linha SUHD, adaptada localmente também com o mote “Experiências Extraordinárias”. Por meio de um filme de 30 segundos, veiculado em TV, cinema e canais digitais, o fenômeno da natureza Aurora Boreal podia ser vivido de uma forma única, também através da nova TV SUHD com pontos quânticos. ■

Para saber mais sobre a campanha, acesse:

www.samsung.com.br/suhd

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

11.2 MOTIVOS PARA TER UM AVENTAGE



A Yamaha apresenta os modelos da linha AVENTAGE: o Pré-Amplificador CX-A5000 de 11.2 canais e o Power MX-A5000 de 11 canais, ambos com componentes de ultra-performance. Este par entrega o máximo do conceito AVENTAGE, que combina perfeição de áudio, qualidade de som, inigualável realismo sonoro e tecnologias inovadoras. O CX-A5000 e o MX-A5000 elevam a série AVENTAGE a outro patamar de desempenho e flexibilidade de conexão em funções de rede.

CX-A5000

- Conexão XLR (11 canais pré-out e 2 canais de entrada)
- 33 programas DSP HD
- Função Network
- FLAC ou WAV 192kHz / 24 24-bit áudio playback
- 4K Pass-through e Upscaling
- Music Enhancer de alta resolução para maior musicalidade
- HDMI (8 in [1 frontal] / 2 saídas)
- Conectividade MHL® (Mobile High-Definition Link)
- YPAO R.S.C. (Reflected Sound Control)
- Advanced HDMI® Zone Switching (Zona 1 [multi-canal] e Zona 2 [estéreo] independentes)

MX-A5000

- 11 canais de incrível amplificação
- 280 W por canal (6 ohms, 1 kHz, 10% THD, 1 ch driven, JEITA)
- 230 W por canal (6 ohms, 1kHz, 0,9% THD, 1 ch driven)
- 170 W por canal (6 ohms, 20 Hz-20 kHz, 0,06% THD, 2 ch driven)
- Transformador toroidal de baixíssima irradiação magnética
- Retorno de corrente de amplificação
- Capacitores de Bloco dedicados de 27,000uF
- Chassi desenhado para maior rigidez e circuitos aprimorados
- Conexão XLR balanceada resistente a ruídos
- Bi-amplificação com seletor de canal
- Auto Power Standby
- Conexão Trigger (trigger in / out e through out)

Espaço Interativo
Automação e Home Theater
Tel: 41 3155 0199
Av. Batel, 1750 - Loja 16 - Batel - Curitiba, PR

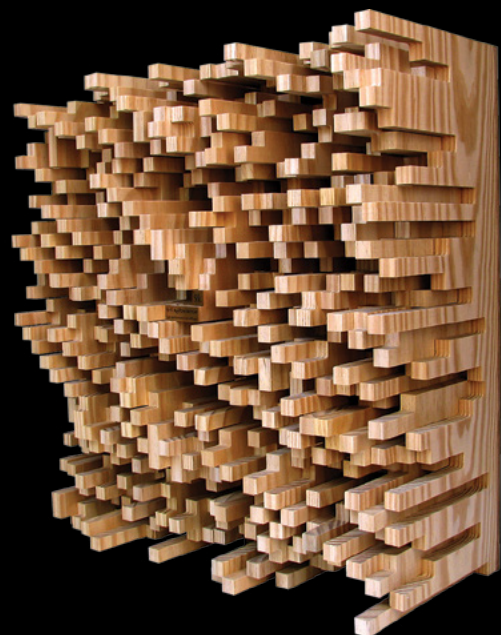
Essence In Home
Tel. 71 3022 8829 / 71 3525 2655
Alameda das Espátódeas, 374 - Caminho das Árvores - Salvador, BA

Domilux
Tel. 71 98680 0305 / 71 98123 0707
Rua Waldemar Falcão, 227, sala 204 - Brotas - Salvador, BA

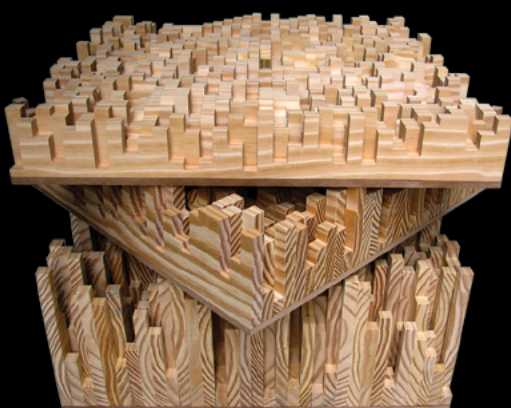


hi-fi *eX*perience
high performance 2D diffuser

Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



A hi-fi experience oferece painéis para diversos ambientes e bolsos. Também fabricamos absorvedores, ressonadores, difusores customizados, portas acústicas, racks, pedestais, dentre outros dispositivos, peças e acessórios para salas de audição crítica e estúdios.



hi-fi *eX*perience
www.hifiexperience.com.br

NOVIDADES

SOM MAIOR APRESENTA RUSSOUND



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q1KHAJOJTMc](https://www.youtube.com/watch?v=Q1KHAJOJTMc)

Em mais um passo para enriquecer seu portfólio de produtos, a Som Maior passa a representar no Brasil a Russound, empresa americana com quase cinquenta anos de atuação e especializada no mercado de equipamentos para custom installation. Graças principalmente à grande variedade de opções em serviços de música hoje disponíveis via internet, os consumidores amantes da música desejam levá-la para vários ambientes de uma casa, o que exige o uso de equipamentos especiais, como os da Russound, e dos serviços de instaladores especializados, como os dos revendedores dos produtos distribuídos pela Som Maior.

Presente em mais de cem países, o nome Russound tornou-se sinônimo de qualidade de áudio e de confiabilidade. Com sede em Newmarket, New Hampshire, a Russound projeta e fabrica produtos inovadores, fáceis de instalar, simples de usar e com uma excelente relação custo / benefício, formando uma linha completa de sistemas de áudio multiroom, equipamentos fonte, controles de volume, amplificadores, controles remotos, streamers de áudio, caixas acústicas e sistemas de intercomunicação.

Dentro da linha de produtos da Russound, são destaques: controladores multiroom topo de linha MCA-88, de 40 W RMS por canal para oito zonas / oito fontes, 192 kHz / 24-bit e Bluetooth versão aptX. Na versão MCA-88X, o controlador vem com o streamer XSource já integrado, para acesso Spotify e Tunes. O XZone 4 é capaz de cobrir até quatro zonas de áudio com acesso a quatro fontes de streaming independentes cada uma. Entre os amplificadores estéreo, destacamos o P75, que possui o recurso Signal Sensing, que permite que ele seja ligado ou desligado mediante a presença ou não de sinais em suas entradas. Já o TVA2.1 é um amplificador Classe D de 2 x 30 W em 8 ohms e de perfil discreto, para uma perfeita integração com TVs de tela fina, com função de aprendizado de comandos do seu controle remoto e com entradas digitais óptica e coaxial, e entrada analógica estéreo, além de saída para subwoofer. ■

Para mais informações:
Som Maior
www.sommaior.com.br
(47) 3472.2666

dCS Rossini Player

Qualquer fonte digital transformada em Ultra High-End



"Uma performance que permite que o ouvinte fique profundamente envolvido com a música, conectada mais diretamente ao coração e alma com pouco ou nenhum esforço. O Rossini se destaca na criação de um senso de realismo musical que é muito mais perto de onde eu gostaria de reprodução de áudio digital fosse."

Chris Binns - HiFi Critic abril-junho de 2016

- Processamento Digital dCS de última geração.
- dCS Ring DAC, como no carro-chefe dCS Vivaldi.
- Entradas digitais UPnP, USB assíncrona, AirPlay da Apple, AES, dupla AES e S / PDIF.
 - Serviços de streaming incluem TIDAL, Spotify Connect e Deezer.
 - Transporte de CD de alta qualidade.
- DXD oversampling multi-estágio com upsampling DSD; filtros DSP e DSD selecionáveis pelo usuário.
 - Auto-clocking melhora a facilidade de uso e minimiza o jitter.
- Firmware atualizável para futuras atualizações de funcionalidade e desempenho.



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

dCS
ONLY THE MUSIC

Sony completa 70 anos de inovações e produtos que marcaram gerações

Ao longo de sete décadas de história, a marca japonesa construiu um legado de produtos que marcaram época, mas continua de olho no futuro



Z9D 4K HDR com Android TV

Reconhecida pela qualidade de seus produtos e inovações tecnológicas, a Sony completou 70 anos de história em 2016, reforçando sua consolidada posição entre as maiores empresas de tecnologia no mundo. Ao longo dessa trajetória, a companhia idealizou e lançou produtos icônicos que marcaram gerações e conquistaram fãs fervorosos, como o clássico Walkman, as câmeras digitais Cybershot e as poderosas TVs Bravia. Sua missão de “inspirar e satisfazer a curiosidade” está presente em cada uma das inovações da marca e é vivenciada por engenheiros e designers, atentos a cada detalhe em busca da perfeição de áudio, imagem e design.

E mesmo com um legado notável, a empresa continua com olhos atentos ao futuro. Nos últimos anos, apresentou novidades conectadas às necessidades dos consumidores e explorando as possibilidades da tecnologia para criar as mais impressionantes experiências de entretenimento. Nas linhas de Áudio, introduziu recentemente os produtos compatíveis com áudio de alta resolução, focados em um público entusiasta que vem crescendo no mundo todo. Em janeiro de 2016, durante a CES, apresentou a nova linha de TVs e sua obra prima, o modelo Z9D, avaliada por muitos como a melhor TV já criada, com tecnologias de brilho e contraste para uma experiência de realismo sem precedentes. Além disso, trouxe ao Brasil primeira linha de TVs com sistema operacional Android.

Saiba mais em <http://www.sony.com.br/electronics/televisores/xbr-z9d-series>



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VYY-4DCLECM](https://www.youtube.com/watch?v=VYY-4DCLECM)



O novo canal de vendas Be Sony

Tantos anos de história e produtos memoráveis fizeram com que a empresa cultivasse fãs apaixonados e ávidos por novidades, que valorizam a tradição da marca e a busca constante pela perfeição. E para manter uma conexão direta com esses consumidores, em 2016 surge o Be Sony - Best Experience, um novo canal de vendas para especialistas em Áudio e Vídeo e automação residencial. Participam deste projeto lojas ultra especializadas nestas soluções, além de arquitetura e decoração, que buscam inovações em tecnologia de ponta para seus projetos, aliado a um atendimento exclusivo e diferenciado.

A marca investe na construção de um relacionamento estreito com esses especialistas, proporcionando encontros com os experts em produtos, apresentações de novidades em primeira mão e produtos exclusivos. “A paixão por tecnologia e inovação, aliada à expertise das lojas especializadas, cria experiências de entretenimento inéditas e muito mais emocionantes. Um representante Be Sony é



um importante parceiro de negócios e profundo conhecedor de produtos e tecnologias. Através dele, os consumidores têm a oportunidade de conhecer lançamentos antecipadamente, adquirir produtos exclusivos, além de equipar sua casa com o melhor da Sony”, afirma Marcelo Gonçalves, gerente de Marketing e Comunicação da Sony. Saiba mais em <http://sony.com.br/besony>

O conceito XBR

Além das novidades em sua linha de produtos, em 2016 a Sony renovou o selo XBR para diferenciar o que há de mais avançado na linha de TVs. A sigla, já utilizada para distinguir as melhores TVs da Sony deste os anos 90, voltou com força para o Brasil auxiliando o consumidor em sua jornada de busca pelo produto mais completo

do mercado. Sinônimo de qualidade e sofisticação, o selo XBR é uma garantia de melhor qualidade de imagem, design moderno e elegante e sistema de navegação simples e amigável.

Saiba mais em <http://sony.com.br/xbr>

CONVITE - Showroom Sony

Aos leitores da Áudio e Vídeo Magazine, a Sony oferece a oportunidade de viver uma experiência exclusiva no showroom da empresa, localizado na sua sede na zona oeste de São Paulo. Acompanhados pelos maiores especialistas em produtos Sony, os leitores podem conhecer produtos em primeira mão, esclarecer dúvidas técnicas, encontrar os produtos mais adequados às suas necessidades e conhecer a grande novidade do mercado de TVs de 2016: a TV Z9D, que pode ser encontrada com exclusividade no showroom Sony.

Reserve seu horário pelo e-mail: besony@am.sony.com



Vivi Spaco (www.vivispaco.com)

SONY®



HI-END PELO MUNDO



PRÉ DE FONO ANDROS TÉSSERA

Sediada na Califórnia, a Zesto Audio, especializada em amplificação valvulada, anunciou seu mais novo produto: o belamente desenhado pré de fono modelo Andros Tesseract, com duas entradas MM (RCA) e duas MC (RCA e XLR), saídas de linha RCA e XLR, fonte em gabinete separado, circuito de ganho dual-mono 100% valvulado, além de várias configurações como seleção de carga resistiva para MC (Moving Coil) e opções de carga de 47 kOhms ou 68 kOhms para cápsulas MM (Moving Magnet). O preço do Andros Tesseract da Zesto Audio ainda não foi divulgado. ■

www.zestoaudio.com

FONES DE OUVIDO BOWERS & WILKINS P9 SIGNATURE

A Bowers & Wilkins, vulgo B&W, famosa fabricante de caixas acústicas, está ampliando sua linha de fones de ouvido high-end inserindo o P9 Signature, seu fone de acabamento mais luxuoso e maior qualidade sonora. O P9, desenvolvido pela mesma equipe das caixas 800 D3, procura uma experiência sonora mais natural na qual, segundo a empresa, o ouvinte se sente como se estivesse ouvindo caixas acústicas e não um fone de ouvido. Com acabamento em couro italiano, o P9 Signature vem com uma etiqueta de preço de US\$ 899,99, no site da empresa. ■

www.bowers-wilkins.net



DAC E AMPLIFICADOR PARA FONES OPPO HA-2SE

Além de sua fama com Blu-Ray Players, a Oppo tem sido bem sucedida no mercado de fones de ouvido high-end e com seu premiado DAC com pré de fono de ouvido portátil HA-2, o qual agora está sendo atualizado para HA-2SE. Mantendo o mesmo visual elegante, revestido de couro, o chip conversor do HA-2SE agora é o novo Sabre32 da ESS, o ES9028Q2M, além de otimizações no amplificador para um menor ruído de fundo e uma maior compatibilidade com fones In-Ear de grande sensibilidade. O preço do HE-2SE é de US\$ 299, no site da empresa. ■

www.oppodigital.com



VÊM DA ESCANDINÁVIA OS NOVOS PRODUTOS QUE IRÃO LEVAR SEU SISTEMA DE ÁUDIO HIGH END A UM NOVO PATAMAR DE QUALIDADE E FIDELIDADE.



Aavik
ACOUSTICS

A Aavik Acoustics, marca da dinamarquesa Raidho – fabricante de caixas acústicas de incrível desempenho que já fazem parte da linha de produtos comercializados pela Som Maior – produz também amplificadores de altíssimo nível, com performance excepcional, além de uma fabricação e acabamento impecáveis.

O amplificador integrado U-300 é um trabalho de Michael Borresen junto com alguns dos melhores projetistas de áudio analógico e digital de todo o mundo. É a síntese das melhores características presentes tanto no áudio analógico quanto no digital.



A Ansuz Acoustics, assim como a Aavik, é uma marca da Raidho, que produz com o mesmo esmero cabos, distribuidores de energia, filtros de linha e controladores de ressonância que primam pela performance unida à qualidade de materiais e acabamentos. Com a Ansuz, os audiófilos e amantes brasileiros da música passam a contar com essa extraordinária opção.

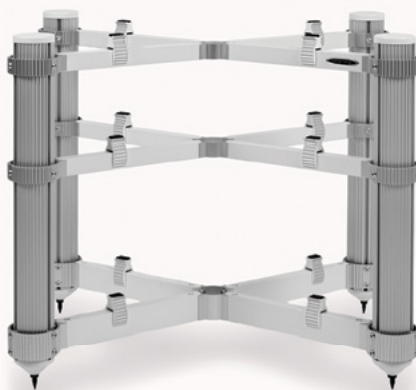
Seus produtos têm como proposta preservar com total transparência e fidelidade todos os mínimos detalhes contidos nas fontes de sinal de um sistema de áudio hi-fi.



ansuz
ACOUSTICS



SOLID TECH



A Solid-Tech é uma empresa sueca especializada em soluções de controle e eliminação de ressonâncias e vibrações com origem em todos os tipos de equipamentos de áudio, transmitidas de um equipamento para o outro ou através do piso e do próprio ar.

Sua linha de produtos contribui para a obtenção de um som extremamente fiel e reproduzido contra um pano de fundo de silêncio absoluto. Essa linha é formada pelos racks das séries Rack of Silence, Hybrid e Radius Solo e dos pés de apoio Feet of Silence, IsoClear e Discs of Silence.

Com essa nova gama de marcas e soluções de altíssima qualidade, a Som Maior reafirma seu compromisso, reconhecido pelos audiófilos de todo o Brasil, de oferecer as melhores marcas mundiais para você ter sempre a melhor experiência em áudio, vídeo e automação high end.

Converse com a Som Maior e saiba onde conferir essas novidades.



som maior
AUDIO VIDEO HIGH END

47 3472-2666 | sommaior.com.br



CÁPSULAS MC GOLD NOTE DONATELLO

A italiana Gold Note fabrica equipamentos de alto nível como amplificadores, fontes digitais e até toca-discos, braços e cápsulas, passando por caixas, cabos e racks. Renovando e complementando a sua linha de cápsulas para toca-discos, a empresa está lançando dois modelos tipo Moving Coil, ambas com resposta de frequência de 10 Hz a 40 kHz, cantilever de alumínio, bobinas de cobre e magneto de samário cobalto, corpo de duralumínio e diamante com perfil Micro Elliptical, sendo que a Donatello Gold tem saída baixa, como é usual às MC, e a Donatello Red é uma MC de saída alta que pode ser usada em prés de fono Moving Magnet. A Donatello Red tem um preço sugerido de €650, e a Donatello Gold de €950, na Europa. ■

www.goldnote.it

CAIXAS W13 TOPO DE LINHA DA BOENICKE

A suíça Boenicke Audio faz belos designs de caixas acústicas com conceitos técnicos diferenciados. Seu novo lançamento é a topo-de-linha W13, uma caixa torre feita em um gabinete esculpido a partir de uma peça única de madeira maciça, equipada com um tweeter/médio com cone de metal de 3" de banda larga, complementando um mid-woofer de 6" com cone de madeira. Dois woofers de 13", um de cada lado, em suspensão acústica, são empurrados por um módulo amplificador classe-D de 350 W, que possui uma série de ajustes e tweaks em DSP. O preço das W13 ainda não foi divulgado. ■

www.boenicke-audio.ch



CABO DE CAIXA IN-AKUSTIK REFERENZ LS-2404 AIR

A empresa in-akustic, sediada em Ballrechten-Dottingen, no sudoeste da Alemanha, onde desenvolve e fabrica cabos para várias aplicações desde 1977, também faz e vende gravações de música. Seu novo modelo de cabo de caixas, o Referenz LS-2404 Air usa uma série de espaçadores flexíveis para manter uma estrutura interna de 8 condutores de cobre de alta pureza em cada polo, usando portanto o ar como dielétrico e, por cima, uma capa trançada de polietileno. O preço do par de Referenz LS-2404 Air começa em €3520. ■

www.in-akustik.de



MAIS UMA ASSINATURA DE PESO PARA
O PORTFOLIO DA GERMAN AUDIO -
PAUL MCGOWAN, FUNDADOR E CEO DA PS AUDIO



P S A U D I O



PERFECTWAVE DIRECTSTREAM DAC

A PURE DSD APPROACH TO PLAY BACK DIGITAL AUDIO

- PURE 100% DSD BASED D TO A CONVERTER
- FULLY UPGRADABLE THROUGH SOFTWARE RELEASES
- RESOLUTION PERFECT VOLUME AND BALANCE CONTROLS BUILT IN
- UPSAMPLES PCM AND DSD TO 10X DSD RATE
- DXD SUPPORT
- PURELY PASSIVE TRANSFORMER COUPLED OUTPUT
- IMPROVES IMAGING AND SOUNDSTAGE
- SIMPLE, DIRECT SIGNAL PATH WITH ONE MASTER CLOCK
- HAND WRITTEN FILTERS, PROCESSORS AND UPSAMPLERS
- IMMUNE TO INCOMING JITTER PROBLEMS FROM DIFFERENT SOURCES
- INCREASED DIGITAL HEADROOM
- NO OFF-THE-SHELF IC DAC CHIPS USED
- UNCOVERS MUSICAL DETAILS MASKED BY TYPICAL PCM BASED PROCESSORS
- 7 DIGITAL INPUTS
- FULLY BALANCED FROM INPUT TO OUTPUT
- COLOR TOUCH SCREEN



ESTADO DA ARTE

AVMAG 207 - Teste 02 - Nota: 89



P10 POWER PLANT

OUR FINEST AC POWER REGENERATOR EVER

- 1500 VA OUTPUT •
- BUILT IN BOULDER •
- PASSIVELY COOLED •
- 100% REGENERATED AC •
- INTEGRATED OSCILLOSCOPE •
- CONTROL OVER THE WEB OR NETWORK •
- ADJUSTABLE OUTPUT VOLTAGE •

german

Audio

www.germanaudio.com.br



Clamp Trumpet Projetos

CLAMPS, CLAMPS E MAIS CLAMPS

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Na edição 221, nosso colaborador Christian Pruks testou dois record clamps da Trumpet Projetos. O Clóvis La Cerda, da Trumpet, também me enviou um Edição Limitada, para ouvir em meu sistema. Tomo como minhas palavras o texto de introdução do teste do Christian: “Como o toca disco é um equipamento especialmente mecânico em sua natureza, sofrendo influência tanto das vibrações geradas internamente (por motor, prato, agulha e braço) quanto das que vem pelo ar e pelo acoplamento do toca disco com as prateleiras e racks, o trabalho de querer eliminar totalmente as vibrações e ressonâncias é mais hercúleo do que parece. O que fazemos é quase sempre usar vibrações à nosso favor”.

E posso afirmar amigo leitor que se tem um acessório que pode ajudar, esse é o Record Clamp! Para nossos leitores com menos de 30 anos, talvez esse acessório seja algo inteiramente fora de sua memória visual, então é justo que eu descreva a função do clamp em um toca disco. Um bom clamp irá forçar o acoplamento do disco

sobre o prato, e se ele fizer de maneira eficaz seu trabalho, o disco não irá mexer em cima do prato enquanto é tocado - sim, esse movimento existe e é imperceptível a olho nu, mas totalmente audível em um bom sistema hi-end. Tão audível que é possível ouvir diferenças (nada sutis) entre diferentes clamps. Não é magia, acreditem!

Mas, assim como cabos que possuem sinergia com o sistema, clamps também possuem enorme sinergia com o toca disco, gramatura do LP, braço e cápsula. A escolha do melhor clamp para o seu setup de toca disco passa pela audição do mesmo em seu sistema. Então aquela história de que tal clamp é imbatível, esqueça, pois isso não é verdade!

E ia me esquecendo: a qualidade de conservação dos LPs também influenciará o melhor clamp para você. Discos empenados ou com baixa gramatura necessitam de um cuidado redobrado. Mas, para embaralhar ainda mais a escolha, temos mais uma variável importante: o material do qual é feito o clamp, pois sua densidade, ►



Clamp Stillpoints

peso e tipo determinará a assinatura sônica resultante. Se para você a escolha desse acessório seria feita apenas pelo custo do produto, esqueça! Você deverá ouvir dentro de seu orçamento todas as opções existentes, pois você vai se surpreender como muda a sonoridade do seu toca disco com diferentes clamps. E não estou falando de detalhes sutis, como micro-dinâmica, ou ruído de fundo, estou falando de corpo, textura, equilíbrio tonal, transientes, foco, recorte, etc.

Para esse artigo escolhi quatro clamps: minha referência há muitos anos, que é o Stillpoints, o Trumpet Edição Limitada (testado pelo Christian Pruks) e dois da Magis Audio, o top de linha feito com o mesmo material dos elevadores de cabo de caixa, e outro mais simples. Em termos de peso e rigidez, nada se compara com o Stillpoints, se ele cair no seu pé fará um estrago enorme.

E o mais leve é o da Trumpet, de alumínio e o único de rosquear, os outros três são apenas de encaixe no pino do toca disco. Antes de narrar minhas observações auditivas com os quatro clamps, é preciso atentar que o Stillpoints no meu setup é o que consegue melhor resultado no todo, não descriminando nenhum quesito de nossa metodologia, por isso eu o escolhi, ainda quando utilizava um toca disco da Transrotor. Atualmente meu toca disco é um Air Tight com base de liga de metal e prato também de metal muito pesado e rígido. O braço é o SME Series V e a cápsula também Air Tight modelo PC-1 Supreme.

O que me fez escolher esse setup foi seu maravilhoso silêncio de fundo, seu grau de inteligibilidade, conforto auditivo e ausência integral de fadiga, mesmo depois de audições de mais de doze horas - sim, amigo leitor, eu ainda realizo audições que atravessam a noite e acabam com o sol já a pino pela manhã!

Até testei duas outras opções de clamps, quando fiz esse upgrade, mas acabei constatando que o Stillpoints ainda era a melhor opção (para o meu gosto e minhas necessidades como articulista e pela minha coleção de LPs ter de tudo, desde discos de 90 gramas nacionais até 180 gramas importados).

Farei um resumo das observações para vocês dos quatro clamps. Todos mostraram muitas qualidades em meu setup, mas cada um sinalizou em uma direção distinta. Caso meu gosto pessoal fosse por agudos translúcidos, uma região média rica em detalhes e precisão na apresentação de micro-dinâmica, a escolha certa seria o Magis Audio Top de linha. Se, ao contrário, eu quisesse ampliar ainda mais meu silêncio de fundo, ter um recorte e foco cirúrgico até nas gravações mais congestionadas na região média, a opção fatalmente seria o Trumpet. E se eu desejasse um pouco mais de molho, corpo e energia na região médio-grave, acho que escolheria o Magis Audio de entrada.

Os três possuem assinaturas sônicas muito fortes e nos mostram com enorme facilidade suas principais características. O que, convenhamos, facilita nossa vida na escolha de qual atende as nossas necessidades. Mas aí vem a pergunta mais importante a ser feita? Eles soariam da mesma maneira em outro toca disco? E a resposta é não! Com certeza ainda que mantenham certas características, podem soar muito diferente do que no setup que foi utilizado para escrever esse texto. Então, quanto à clamps, determinar que A é melhor que B pode ser uma enorme 'roubada' e eu não me atrevo a correr esse risco.

Então qual objetivo dessa matéria? Justamente alertar você, leitor, que record clamps precisam ser testados antes de serem escolhidos! Só isso! Prometo levar esses quatro Clamps para ouvir no setup do nosso colaborador Christian Pruks e, quem sabe, convencê-lo a escrever uma segunda parte juntos!

Até lá! E ótimas audições analógicas!



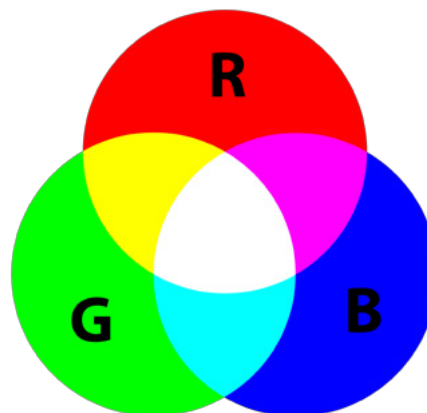
Clamp Magis Audio



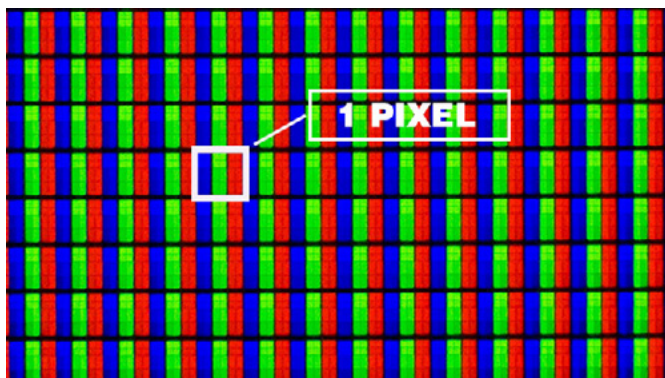
TV ULTRA HD 4K: AFINAL, SÃO TODAS IGUAIS?

XX Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

Muitos de vocês já devem ter se perguntado: como as TVs reproduzem as cores que encontramos na natureza? Desde a época das antigas TVs de tubo até os mais recentes lançamentos, a imagem é formada através de pequenos pontos vermelho (**R**ed), verde (**G**reen) e azul (**B**lue), normalmente conhecidos como RGB. Estas são as três cores primárias aditivas, a partir das quais consegue-se decompor todas as cores que vemos nas TVs e no cinema. E por que são chamadas de cores aditivas? Porque pela característica das TVs estas cores emitem luz e a soma das três cores em igual intensidade resulta na cor branca (veja ilustração abaixo). De maneira oposta, a ausência das três cores resulta na cor preta, obtida quando os três pontos estão totalmente apagados.



Se olharmos com lupa um painel de TV veremos diversas fileiras de pontos coloridos. Cada fileira é composta de uma sequência de pontos RGB. Para compreendermos melhor o que significa resolução em uma TV, a partir de agora cada conjunto de três pontos RGB será chamado de Pixel.

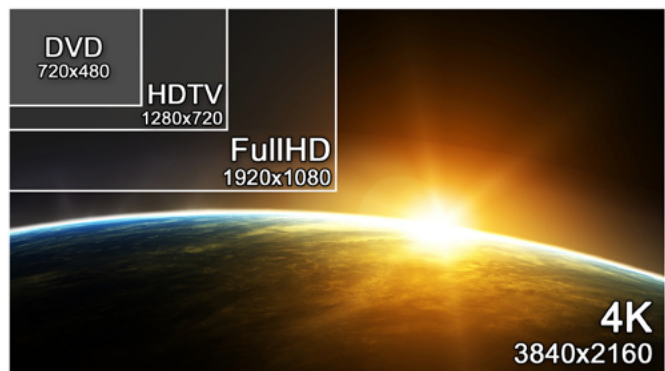


As TVs Full HD possuem 1.920 pixels em cada linha horizontal e um total de 1.080 linhas (1.920 x 1.080), totalizando 2.073.600 pixels. Imagine sua TV como um grid contendo linhas e colunas. A imagem Full HD possui 1.080 linhas e 1.920 colunas.

Na tecnologia 4K ou Ultra HD a quantidade de pixels aumentou para 3.840 horizontais e 2.160 verticais (3.840 x 2.160), totalizando 8.294.400 pixels. É uma resolução ligeiramente menor que os 4.096 x 2.160 pixels exibidos nas telas de cinema (chamada de Cinema 4K).

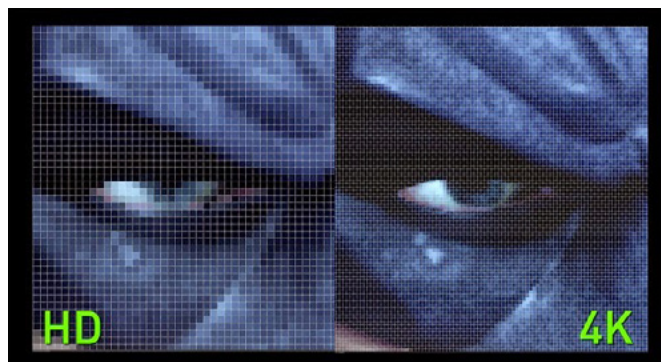
Portanto verificamos que as TVs Ultra HD possuem aproximadamente 8 milhões de pixels contra 2 milhões das TVs Full HD, uma resolução 4 vezes maior!

Os fabricantes de equipamentos decidiram chamar esta nova tecnologia de Ultra HD ou 4K Ultra HD.



E o que ganhamos com todos estes milhões de pixels extras? Maior nitidez e mais capacidade de exibir detalhes, principalmente em telas grandes. O resultado é uma imagem incrivelmente nítida

que nos dá a impressão de estarmos olhando por uma janela ao invés de assistindo TV.

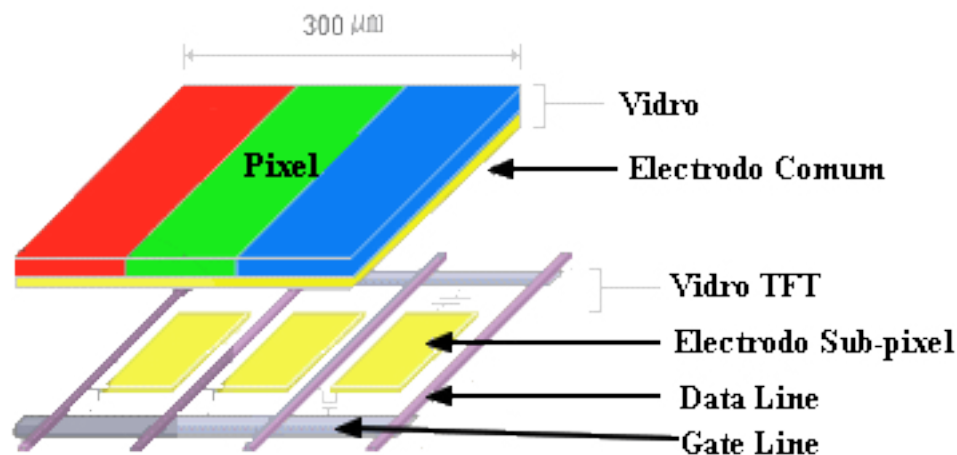


Ouve-se falar há bastante tempo sobre a resolução 4K, mas nos últimos 2 anos este avanço transformou-se em um importante padrão para o mercado de cinema e TV. A maioria dos filmes já é captada em câmeras 4K. Muitos cinemas no mundo inteiro dispõem de projetores 4K. Emissoras de TV estão substituindo seus equipamentos por similares 4K. Já estão disponíveis duas marcas de aparelhos reprodutores Blu-Ray 4K com uma oferta bastante razoável de mídias Ultra HD e tendência de forte expansão nos próximos 2 anos. Netflix e Amazon oferecem algumas séries e filmes em 4K e a Rede Globo também adotou o 4K, oferecendo algumas séries em seu aplicativo Globo Play disponível nas Smart TVs 4K atuais. Nos Estados Unidos já existem operadoras de TV a cabo oferecendo decodificadores 4K e disponibilizando alguns canais com conteúdo 4K.

Outra vantagem das TVs 4K é que elas permitem ao espectador sentar-se mais próximo à tela sem o incômodo de distinguir os pixels da TV, transmitindo maior sensação de imersão. Ou manter a distância atual e adquirir uma TV maior. Há também uma maior sensação de profundidade nas imagens. Se a distância para a TV for muito grande ou a tela muito pequena, a diferença não será tão perceptível.

4K

ULTRA HD

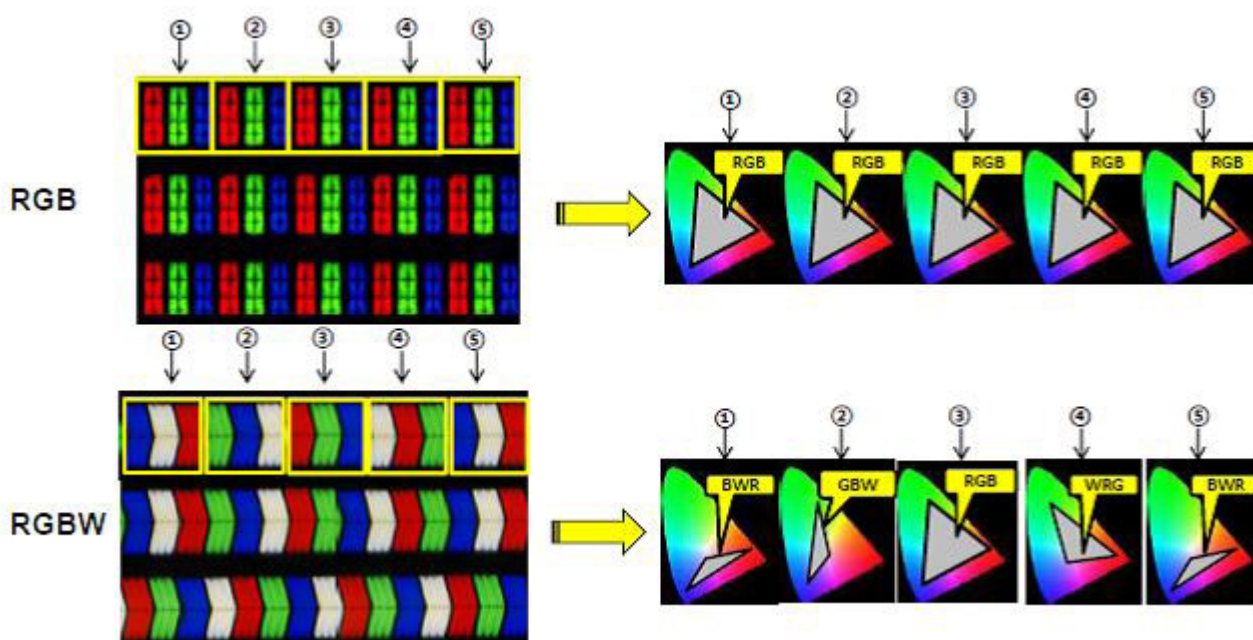


Tecnologias dos Displays

A tecnologia mais comum das telas de TVs é chamada de LCD (*Liquid Cristal Display*). Utiliza um painel de cristal líquido colorido, contendo um grid no padrão RGB. Este painel é retro iluminado através de LEDs e possui a capacidade de permitir ou bloquear a luz através de cada um dos pequenos pontos RGB.

Recentemente surgiram painéis LCD WRGB utilizando um ponto branco para formar o pixel. No entanto, ao invés de utilizar quatro

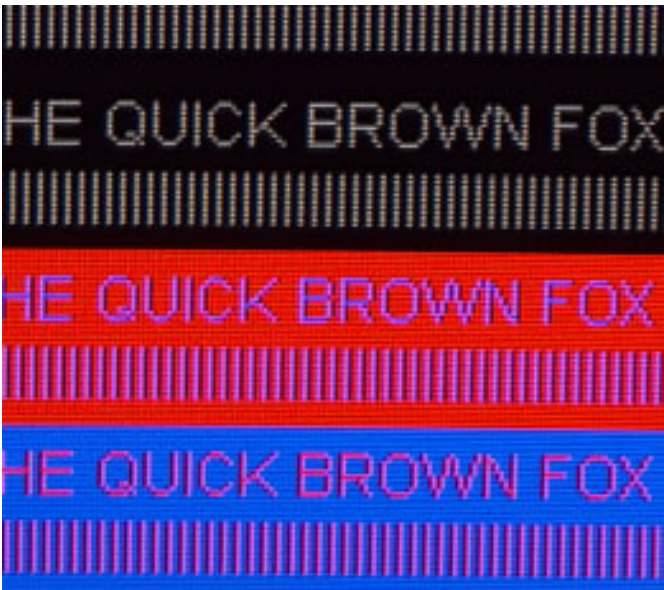
subpixels RGBW em cada pixel, estes painéis compartilham um ponto branco para cada dois conjuntos adjacentes de pixels. três em cada quatro pixels tem uma de suas cores primárias substituídas por branco (**White**), formando RGB-WRG-BWR-GBW. Significa que em uma TV LCD LED RGBW de 3.840 x 2.160 pixels, cada linha horizontal possui apenas 2.880 subconjuntos (pixels) capazes de reproduzir a totalidade das cores, 25% menos que as telas RGB.



Alguns experts alegam que os painéis LCD RGBW não atenderiam as especificações para TVs 4K, gerando discussões sobre as certificações dos mesmos. Na prática, testes mostram que a resolução, cores e uniformidade do preto foram prejudicadas.

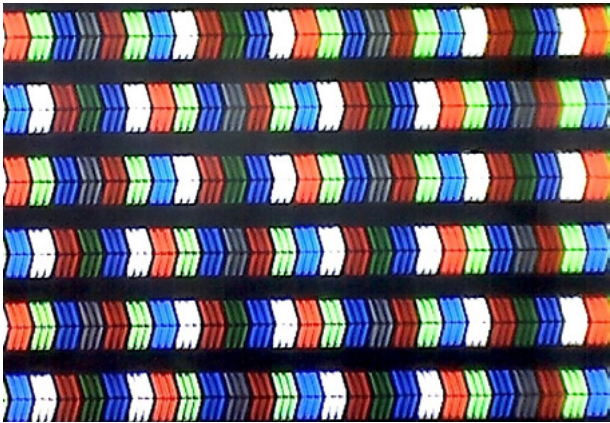


TV LCD RGBW

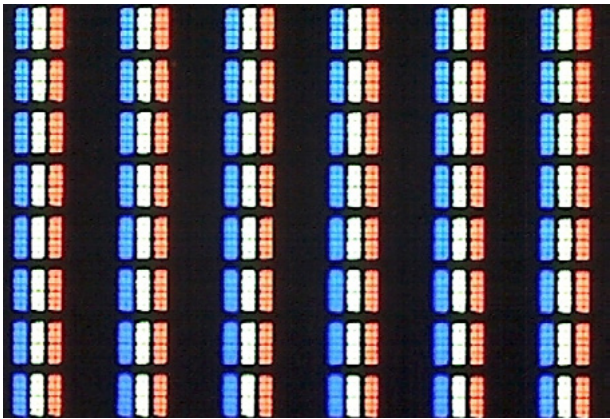


TV LCD RGB

Após medições o balanceamento de tons de cinza, tonalidade das cores e curva de gama resultaram abaixo do desejado. Repare nas fotos abaixo que a tela RGBW é incapaz de reproduzir pontos individuais brancos e pretos alternados.



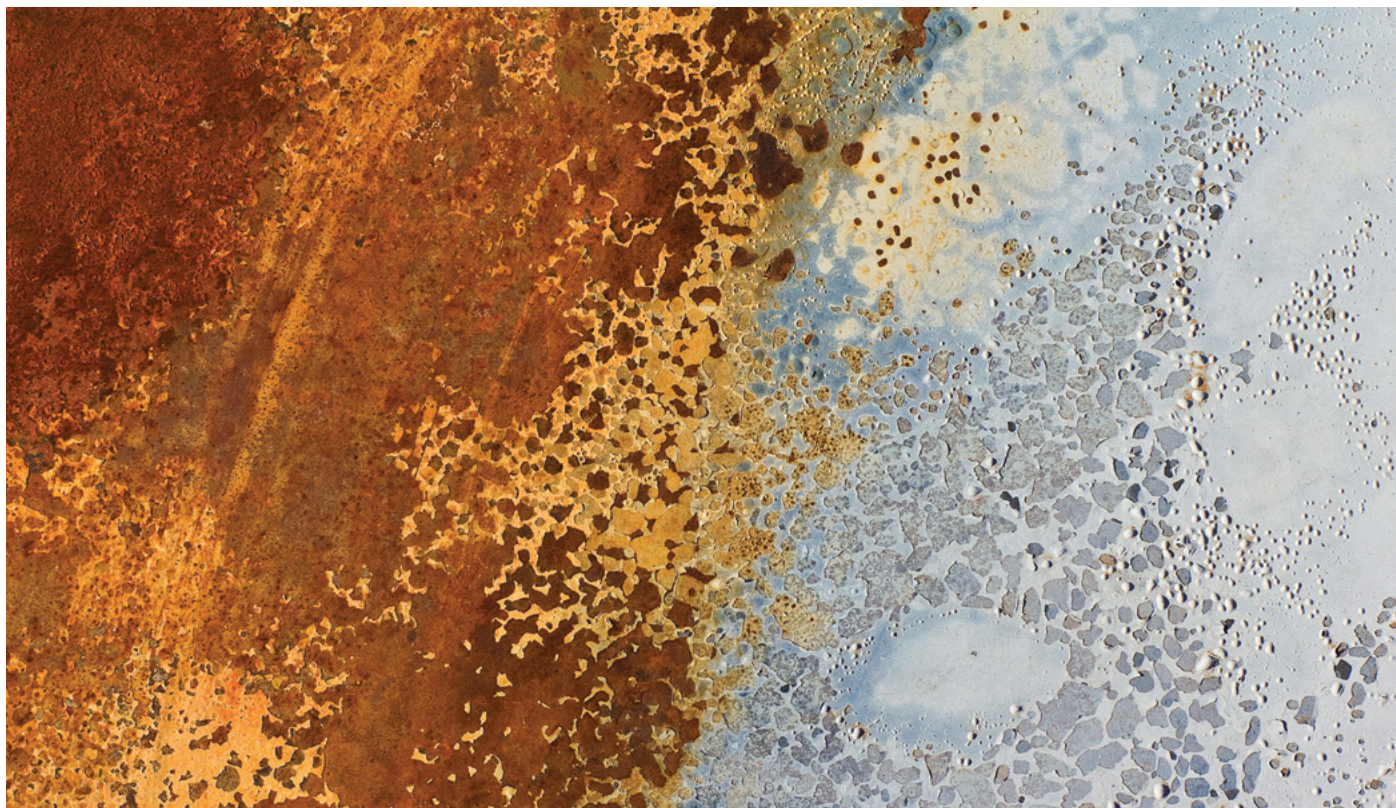
RGBW



RGB

O propósito de uma TV RGBW LED LCD é confuso. Sim, ela pode apresentar 3.840 pixels na horizontal e 2.160 pixels verticalmente (embora não os dois ao mesmo tempo), mas isso não vem ao caso. O efeito de diluição do subpixel branco causa danos irreparáveis à fidelidade de cores: ao tentar encaixar sinais de vídeo RGB em uma matriz RGBW de forma compartilhada, informações de cor são perdidas e os usuários nunca serão capazes de desfrutar os filmes da maneira pretendida pelo diretor. TVs com painéis LCD LED RGBW podem até ser um pouco mais baratas, porém os usuários vão pagar o preço final sob a forma de qualidade de imagem comprometida.

Portanto, ao comprar sua nova TV 4K, tenha cuidado com painéis LCD RGBW para não frustrar seus sonhos de uma imagem perfeita. Faça uma boa escolha e se tiver acesso a mídias 4K, aproveite as incríveis imagens que as TVs de última geração irão lhe proporcionar. ■



UM BOM CONTATO É FUNDAMENTAL NO HI-END

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Recebo todos os meses centenas de e-mails solicitando dicas de como melhorar sistemas sem propriamente realizar grandes upgrades. Afinal, a grande maioria dos nossos leitores estão bastante satisfeitos com seus sistemas e desejam apenas manter a sinergia alcançada por um longo período.

Foi justamente depois de um levantamento desses e-mails que tive a ideia de começar esta nova seção de dicas em que o foco central está muito mais na manutenção e cuidados diários ou em upgrades apenas pontuais.

Uma questão bastante frequente de nossos leitores é com a deterioração da performance de seus sistemas depois de algum

tempo. Muitos reclamam que começam a ter queda no rendimento sem nenhuma explicação aparente. Alguns buscam a resposta na sujeira da rede elétrica, outros acreditam que depois que o nosso ouvido se acostuma com um novo padrão sonoro voltamos a desejar uma nova evolução (e por isso começamos a ouvir defeitos); e existe até mesmo aqueles que buscam a resposta na umidade relativa do ar, que teoricamente pode ser a 'vilã' da história pela perda da qualidade sonora. Pela minha experiência, diria que a resposta pode ser muito mais simples do que se imagina.

Há cerca de um ano atrás, um amigo me pediu uma ajuda para tentar desvendar o que estava ocorrendo com sua caixa acústica ►

hi-end de mais de 40 mil dólares quando ela começou a apresentar um comportamento sônico muito estranho. Este meu amigo é um audiófilo experiente e capaz de observar mudanças sutis em qualquer sistema que escutar.

Segundo ele, suas caixas passaram a apresentar um desequilíbrio tonal muito acentuado nas altas frequências e os graves antes sólidos passaram a soar como se fossem ocos. Achei que ele estava exagerando, pois conhecia muito bem as suas caixas.

À distância minha sugestão foi para que testasse outro par de cabo de caixas e visse se não era ali que estava o problema. Para a minha surpresa, ele me disse que já havia testado outros dois modelos e o problema permaneceu. Quis ouvir isso pessoalmente e lá fui eu com meu kit de cabos de interligação, Corrosion X, Nano Liquid etc.

Ao ouvir o sistema que tão bem conheço, fiquei assustado com o desequilíbrio tonal da caixa. Os graves pareciam ter apenas o ataque, estavam sem corpo, e a região média alta causava um enorme desconforto auditivo independente de estar em volume reduzido ou normal.

Pedi então para o meu amigo colocar um dos meus cabos de caixa e o problema se manteve. Comecei a buscar respostas nos cabos de interligação, trocando-os um por um e o problema persistiu. Passamos Corrosion X nos terminais da caixa e houve uma sutil melhora

no corpo dos graves, mas a região média se manteve desequilibrada. Refizemos todas as ligações, limpamos os terminais de todos os cabos e a melhora foi insignificante. A única resposta para tamanha mudança de comportamento da caixa só poderia estar então no crossover ou na fiação interna da caixa.

Ao retirar o falante de grave de uma das caixas e puxar o fio para fora pude ver que ele estava completamente oxidado, quase esfarelado em minhas mãos. Já tinha visto este problema em caixas de entrada ou no máximo custando até 2.000 dólares, mas em uma caixa de 40 mil dólares, nunca!

Nos nossos primeiros anos do curso de Percepção Auditiva, no Nível I eu apresentava cabos inteiramente oxidados, fazendo com que todos os participantes pegassem os cabos na mão e vissem com seus próprios olhos o grau de deterioração. Depois eu os colocava no sistema para que eles sentissem o estrago que ocorre na condução do sinal em um cabo oxidado.

E quanto maior a bitola do cabo, mais dramático é o efeito. Em uma ocasião mostrei um cabo de caixa de um fabricante americano produzido no final dos anos 80 que tinha duas polegadas.

Ao torcê-lo um pouco, o cabo simplesmente esfarelou na minha mão. Ele estava totalmente esverdeado e o que o mantinha aparentemente inteiro era a capa de PVC.

O problema é que cabos não oxidam de uma só vez (mesmo que estejam expostos a um local de grande umidade). A oxidação começa de fora para dentro mas, provavelmente com 5% de oxidação, ele já começa a alterar o equilíbrio tonal do sistema.

Aliás, este é um dos fatores que me fizeram não mais indicar o Pirelli Cordplast para instalações elétricas dedicadas, pois já recebi o depoimento de leitores que após um ano de instalação perceberam uma alteração nas altas frequências de seus sistemas e constataram oxidação no cabo.

Agora só indico cabos de cobre OFC (livre de oxigênio) de boa procedência para instalações elétricas dedicadas. São mais caros que o Pirelli, mas não terão de ser substituídos depois de um ou dois anos. Economizar nisso pode ser entendido como uma economia burra, já que dará enorme dor de cabeça mais tarde. Como se diz no ditado popular: 'É o barato que sai caro'.

Mas e quando notamos diferenças audíveis em nossos sistemas mas o problema não está na oxidação de cabos de cobre puro?

Um outro problema bastante frequente está na oxidação dos terminais de caixas acústicas, plugs RCA, tomadas de força e também em um simples mau contato. Sabe aqueles cabos de força mais grossos que mangueira de carro de bombeiro? Eles são tão



MATÉRIA TÉCNICA

pesados que a cada semana é prudente verificar se continuam bem conectados. Cabo de força mau conectado também pode alterar a performance de um sistema bem ajustado, assim como a oxidação dos terminais da caixa ou dos amplificadores.

Já vi uma simples limpeza e uma gota de Corrosion X fazer verdadeiros milagres e trazer de volta todo o encanto de se escutar música. O mesmo ocorre com os plugs RCA: limpá-los pelo menos a cada seis meses é uma tarefa obrigatória. Se você não quiser utilizar produtos como o Corrosion X ou o Nano Liquid, recomendo o uso de um lenço líquido da XLO ou da Nordost. Estes dão um pouco mais de trabalho, principalmente em plugs RCA, mas também são bastante eficientes.

Tomadas de força também merecem manutenção, principalmente em cabos muito grossos e pesados, pois o manuseio constante pode causar mau contato e exige vigilância constante. Eu pingo uma gota de Corrosion X em todas as tomadas pelo menos uma vez por ano.

Na seção Cartas, ao longo dos 14 anos de vida da Áudio e Vídeo, você certamente já leu centenas de depoimentos de leitores que depois da limpeza de seus cabos com um dos diversos produtos existentes no mercado tiveram melhoras incríveis!

O que devemos ter sempre em mente é que sistemas de áudio e vídeo necessitam de manutenção constante. Às vezes uma limpeza

nos contatos é o suficiente para nos devolver todo o encanto existente anteriormente. Mas quando o sistema dos nossos sonhos começa a sofrer alterações significativas em sua performance mesmo sem a troca de nenhum componente, devemos levar em consideração que talvez o problema esteja na oxidação dos cabos internos das caixas ou no cabeamento interno dos próprios equipamentos!

Sim amigo leitor, eu já vi um transformador de um amplificador de potência todo oxidado! Mas vou deixar para contar esta experiência em outra ocasião. Como escrevi no título deste artigo, um bom contato é fundamental para se extrair toda a performance de um bom sistema de áudio e vídeo. Ficar atento a qualquer sutil alteração na performance do nosso sistema é fundamental para que o problema não atinja um estágio que diminua ou interfira no nosso prazer de escutar música ou assistir shows e filmes.

A oxidação em cabos de cobre não OFC é o primeiro dos problemas mais frequentes que tenho observado em minhas consultorias, e vale a pena ficar atento: principalmente se em seu sistema foram utilizados cabos mais baratos ou que estão no sistema há mais de cinco anos (especialmente quando você desconhece a matéria-prima utilizada pelo fabricante). E uma última dica: se você mora em regiões muito úmidas ou cidades litorâneas, seu cuidado deve ser redobrado. ■



PREPARADO PARA QUALQUER CONFIGURAÇÃO.

Descubra o upgrade que a
linha Signature 40 pode fazer
no seu sistema de áudio.



www.maisondelamusique.com.br
+55 11 2117.7005



THE SOUND OF SCIENCE SINCE 1973



COMPOSIÇÃO DE IDEIAS TRANSFORMA APARTAMENTO EM FUNCIONAL

XX Renata Caro
agenciacar@agenciacar.com

Ter uma casa totalmente aconchegante, conectada, moderna e que supere todas as expectativas, é o que a maioria das pessoas procuram ao contratar um arquiteto, não é mesmo? Esse projeto localizado no Bairro Jardim, em Santo André, o projeto residencial de 300 metros quadrados passou por diversas reformas que hoje o tornam único em beleza e praticidade.

A obra foi realizada pela arquiteta Helen Granzote que adotou o estilo eclético, contemporâneo, atribuindo o toque dos elementos clássicos. Os moradores, um casal com duas filhas pequenas, são apaixonados por viagens internacionais, tecnologia, receber amigos e gostam das marcas luxuosas de moda. A arquiteta afirma que a partir dessas informações, conseguiu encaminhar o projeto, criando impacto visual e emocional nos ambientes.

O grande destaque do projeto vai para a área do home theater do living, a “menina dos olhos” da propriedade. O cliente não tinha ideia do que era ou não possível fazer em termos de soluções de áudio, vídeo e automação, pois ele queria algo bom, ele queria algo “bom”, mas que não custasse um preço astronômico.

O apartamento já possuía um antigo home theater, mas com configurações muito mais simples e modestas que a atual. A reforma e troca de aparelhos foi o ponto inicial para um total repaginação da tecnologia na propriedade.

Com caixas de sons embutidas, TV Sony Bravia e receptor A/V Denon, a automação foi utilizada para controlar a iluminação e o áudio e vídeo da propriedade. Considerando que os clientes adoram receber amigos, o som ambiente foi um upgrade e tanto na casa. ►



Toda a parte de áudio e vídeo foi pensada em concordância com os layouts dos ambientes. Provido da melhor tecnologia em termos de som, imagem e automação, o apartamento ficou tão bem-equipado que, por enquanto, não se considera a aquisição de nenhum outro equipamento ou funcionalidade adicional para a propriedade.

A integração total do living também destaque, pois o espaço, que antes era dividido em dois ambientes, parece que ficou muito maior por conta do novo layout. O resultado agradou muito os clientes.

Durante o processo da obra foi realizada a troca do piso do apartamento inteiro. Também houve integração total do living que antes era dividido em dois ambientes, e com as modificações ficou muito maior por conta do novo layout. O resultado agradou muito os clientes que amam os espaços, principalmente o social, pois quando estão com visitas recebem muitos elogios.

Na sala de jantar, o glamour é pontual e notável: papel de parede dourado, lustre em cristal, mesa, aparador, bar em laca, cadeiras em veludo e gravuras assinadas pela artista Damara Biancone. Para o grande living, Helen criou um ambiente único e muito espaçoso. Antes era dividido entre sala de TV e de estar fazendo com que o espaço parecesse menor por conta da divisão.

Os detalhes decorativos do living ficaram marcados com estampas geométricas, peças metalizadas e o veludo nos móveis que marparam o luxo. Alguns pontos que unem a composição da sala são o papel de parede dourado e preto, da grife italiana Versace, e o revestimento geométrico em mármore atrás da televisão, que também se harmoniza com as poltronas maiores.

A porta de entrada foi feita sob medida pela marcenaria e o tom da madeira se conectou com o mármore do revestimento da parede da TV. O hall tem visual preto com detalhes em branco, ao contrário do

que a moradora pensava, a cor ampliou o espaço, pois refletiu toda a luz do belo pendente de cristal.

O toque de ousadia ficou em destaque devido à cor do aparador amarelo. Na sala de almoço, foi utilizado composê de papéis de parede: um listrado com fundo nude e outro com palavras relacionadas à comida em várias línguas, trazendo atmosfera de um bistrô contemporâneo para o espaço tão utilizado durante a semana.

O quarto de estudos ganhou tons de roxo a pedido das meninas. O armário era existente e foi reformado, com a troca das portas, acrescentando duas de espelho. A cabeceira da cama foi desenhada pela arquiteta.

Helen Granzote comenta: *"No escritório, desenhei todo o mobiliário pensando na moradora, que mais utiliza o espaço. A mesa em curva e o tom rose misturado com roxo trazem a atmosfera feminina. Os armários superiores parecem uma escultura, propositalmente".*

No quarto do casal o glamour imperou: a cabeceira da cama em veludo, papel de parede com desenho damask, pendentes dourados, tapete preto e criados-mudos espelhados foram inspirados no país de paixão dos moradores, França, particularmente no castelo de Versailles. ■

Para mais informações:
Helen Granzote
www.helengranzote.com.br

Nucleo Casa
www.nucleocasa.com.br



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Mark Levinson N° 585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Hegel H300 - 93 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.209
Devialet 800 - 92 pontos (Estado da Arte) - Devialet - Ed.211
Luxman L-590AX - 91,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.207

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Luxman CL-38u - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.218
darTZeel NHB-18NS - 95,5 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.164
Pass Labs XP-30 - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.189
Hegel P30 - 93,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.212

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
KR Audio Kronzilla DX - 98 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.205
AVM Ovation SA8.2 - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.212

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131
MBL 1611F DAC - 90 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.180
PS Audio PerfectWave DirectStream DAC - 89 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.207

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon Cadenza Black - 90,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.216

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Kharma Exquisite Midi - 98 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Cabasse L'Océan - 98 pontos (Estado da Arte) - Logiplan - Ed.197

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Kubala-Sosna Elation - 94 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.179
Nordost Odin - 89 pontos (Estado da Arte) - Liquid Sound - Ed.153
Synergistic Research Element Tungsten - 87,25 pontos (Estado da Arte) - Âmbar Audio Dreams - Ed.193
QED Genesis Silver Spiral - 87 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed. 222

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Sax Soul Agata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217
Sax Soul Zafira II - 90 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.210
QED Signature 40 - 89,5 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.221



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



CAIXA ACÚSTICA RAIDHO C-3.1

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Eu não pude ir ao evento que a Som Maior realizou em São Paulo, no ano passado e escutar as Rhaido C-5.1, mas conversando com pessoas que prestigiaram o evento, entendi que a Raidho top de linha realmente encantou a todos. Espero até novembro ir à Santa Catarina para finalmente conhecer essa caixa, que é considerada um ponto fora da curva! Mas não posso reclamar, pois em um curto espaço de tempo tivemos a oportunidade de ouvir e testar a incrível mini monitor X-1 e agora recebemos para teste as belas colunas C-3.1.

Além de um acabamento deslumbrante e um design que cairá perfeitamente bem em qualquer ambiente as C-3.1 tocam magistralmente! O fabricante deixa explícito que cada detalhe foi minuciosamente pensado e planejado para uma performance minuciosamente transparente e fiel ao acontecimento musical. Elas utilizam o consagrado tweeter tipo ribbon, fabricado pela própria Raidho, e os falantes de médios e graves todos de cones de cerâmica. Segundo o fabricante sua resposta de frequência é de 25 Hz a 50 KHz, os

cortes de frequência são em 150 Hz e 3 KHz, com um crossover de 2ª ordem, e sua impedância é de 5 Ohms. A amplificação recomendada é de 50 W (mínimo), seu peso é 53 Kg (cada), tem 1,24 m de altura, 20 cm de largura e 47 cm de profundidade. Para se obter uma coluna tão 'slim', a C-3.1 utiliza 3 falantes de graves de apenas 4,5 polegadas. Seu acabamento é Black Piano e o painel frontal é todo em alumínio, com o objetivo de uma perfeita dispersão.

Não soubemos o tempo de queima que as C-3.1 já haviam recebido, então fizemos a primeira audição para nossas anotações iniciais e, depois, as pusemos em amaciamento por 150 horas e depois mais 200 horas. Como tive por quase três anos a Evolution Acoustics, que também utiliza falante de cerâmica nos médios, e percebi como o amaciamento desses falantes é bem longo, foi que decidi por uma queima de 350 horas - e os benefícios auditivos foram nítidos (depois falo em detalhes as melhorias). Para o teste utilizamos basicamente nosso sistema de referência da CAVI e, por uma semana, o integrado Aavik U-300, testado por nós na edição ►

220, que na minha opinião é o par perfeito para essas caixas. Mas, para o fechamento de nota e a passagem dos 38 CDs utilizados em nossa metodologia, utilizamos o digital dCS Scarlatti, pré-amplificador Momentum Dan D'Agostino, Power Hegel H30, toca disco Air Tight com braço SME Series V e cápsula Air Tight PC-1 Supreme, e pré de phono Tom Evans Groove+. Os cabos de interconexão: Transparent Opus G5, Sax Soul Ágata, QED Signature 40 e Kubala Sosna Elation. Cabos de caixa: QED Genesis e Transparent Audio Reference XL MM2. Cabos de força: Sax Soul Ágata e PowerLink MM2 da Transparent Audio. Cabos digitais: Transparent Reference, Crystal Cable Absolute Dream e QED Reference 40 (leia Teste 2 nesta edição).

Nos nossos cursos de percepção auditiva, uma das perguntas recorrentes é qual o componente de um sistema hi-end que merece todo o nosso cuidado e atenção? E não tenho dúvida em dizer que é a escolha da caixa acústica. Esse componente dará a assinatura final do sistema, pois cada caixa possui sua peculiar assinatura sônica. E quando estamos falando de caixas Estado da Arte, como é o caso da C-3.1, a assinatura sônica se torna ainda mais evidente! E por qual razão isso ocorre? Pelo fato de cada fabricante de caixas de alto nível ter a assinatura do seu projetista, do que ele acredita ser o correto e o mais fiel ao acontecimento musical captado e gravado. Nenhuma grande caixa hi-end, Estado da Arte, foge dessa premissa de possuir as características que seu fabricante deseja e acredita, por isso que temos tantas assinaturas sônicas tão distintas e que atendem a um amplo leque de audiófilos que buscam também, na escolha de suas caixas, características e qualidades que ampliem seu prazer em escutar seus discos preferidos. Geralmente se estou conversando com um audiófilo mais experiente, depois de ouvir meus argumentos ele engata a seguinte pergunta: e se a caixa tiver uma assinatura sônica neutra? E eu respondo de pronto: Nunca escutei uma caixa com uma assinatura neutra. Essa caixa Estado da Arte não existe. No patamar tecnológico em que os drivers estão, eles sempre causam algum tipo de coloração, por menor que seja.

O que atingimos que é cada vez mais surpreendente é silêncio de fundo e transparência na apresentação de micro dinâmica (aliás, a C-3.1 é uma referência absoluta nesses dois quesitos), mas a neutralidade atingida em alguns componentes eletrônicos como pré-amplificador, powers e DACs, esqueça. Pois o estágio atual dos alto-falantes é um grande obstáculo para esse salto qualitativo!

Bem, depois dessa longa defesa da assinatura sônica de cada caixa, voltemos nossas baterias para a Raidho C-3.1. A Som Maior, com receio pelo tamanho de nossa sala de referência, enviou junto com as Raidho dois subwoofers JL Audio modelo Fathom, e nós nem os utilizamos, pois os graves da Raidho foram tão bem em nossa sala que achamos que iríamos perder o foco, que é apre-

sentar aos nossos leitores a C-3.1. Então o teste do premiadíssimo subwoofer JL Audio sairá separado em uma edição futura, pois acredito que muitos dos nossos leitores tenham enorme interesse em um sub hi-end, tanto para seus sistemas de vídeo como áudio.

Se a primeira impressão é a que fica, a Raidho já sai com alguns créditos a mais, pois seu grau de transparência impressiona e convence a ficarmos atentos, pois o grau de informação extraído do acontecimento musical é soberbo. Não estou falando de barulhos de chave de instrumentos de sopro, ou da unha do pianista. Falo por exemplo de um naipe de metais em que você escuta cada voz, a embocadura de cada músico, a técnica de sopro e o decaimento de cada sopro na formação do naipe. Mas isso não é tudo: em vozes à capela, corretamente captadas e com suas posições estabelecidas corretamente com ar em volta de cada voz, você escuta uma a uma, estabelece a distância física entre elas, e o mais incrível: a altura de cada cantor! É algo mágico e muito raro de se escutar em qualquer outra caixa!

Mas o requinte mesmo é ouvir a nítida diferença em gravações multicanal (em que cada instrumento foi gravado separadamente) nas ambiências digitais colocadas em cada instrumento. Se o engenheiro de gravação tivesse como monitores essas Raidho, garanto que ele seria muito mais cuidadoso na escolha e coerência de cada reverberação digital, pois além de soar feio, cria-se um ruído de fundo desnecessário na música.

A caixa em termos de equilíbrio tonal mudou muito depois das 350 horas de queima e até o encerramento do teste, quando as caixas passaram de 700 horas - ouvimos melhoras significativas na região médio/grave e médio/alto. Esses falantes cerâmicos necessitam de uma enorme queima. Então os futuros compradores dessa jóia da coroa dinamarquesa, um conselho: tenham paciência, pois elas renderão muito mais do que já saem tocando de cara. O que já é bom, ficará excelente com o passar dos meses.

Posicionamento: por serem altas e muito finas, são caixas exigentes com o posicionamento. Em nossa sala gostaram de ficar mais afastadas das paredes laterais e mais próxima da parede do fundo. Nessa posição, elas literalmente somem, deixando o ouvinte apenas com a música na sala! Para o teste elas ficaram a 1,20m das paredes laterais, apenas 1 metro das paredes do fundo, com um pequeno toe in de apenas 15 graus voltado para o centro. Com esse recuo, nosso ponto de audição também mudou, fazendo-nos colocar nossa cadeira 1 metro para frente. O acontecimento musical se dá totalmente para trás das caixas, o que permite um enorme conforto auditivo.

Os planos são estupendos, tanto em foco e recorte, como em largura, altura e profundidade. Seus olhos e ouvidos correm aquela imensidão de palco imaginário e se deliciam com a autoridade com que grandes orquestras se apresentam entre as colunas. A região ►

média, como já adiantei, é translúcida, palpável e sem obstáculos entre o ouvinte e o acontecimento musical. Os graves possuem peso, velocidade e enorme precisão de ritmo e tempo. E os agudos são muito naturais, velozes e com um decaimento suave e preciso.

Os transientes, junto com sua transparência, estão entre os mais corretos e atordoantes que já ouvi! Na gravação do violonista André Geraissati, *Canto das Águas*, faixa 5, qualquer erro de velocidade e se perde o encanto de acompanhar o virtuosismo do músico. Na *Raidho* a velocidade e o para e arranca são tão excepcionais que parece que a performance do músico é outra. O mesmo ocorreu em vários outros exemplos desse quesito, como Nelson Freire tocando Chopin faixa 12 e 14, *I-Ching* do Uakti faixa 3, percussões japonesas, etc. Tudo com uma precisão cirúrgica, que nos redobra o prazer em escutar percussão, ainda que muitos não tenham o hábito de fazê-lo.

Dinâmica - nesse quesito diria que a micro dinâmica está a frente da macro. Não que você não dê seus pulos nos fortíssimos, mas pelo tamanho dos falantes falta aquele impacto e energia final que nos fazem sentir no peito o deslocamento de ar. Mas aí eu me pergunto: quantas gravações necessitam desse grau de deslocamento de ar para parecerem verossímeis? A *Abertura 1812* de Tchaikovsky com os famosos tiros de canhão (um problema para 90% das caixas acústicas), talvez alguma gravação de órgão de tubo? Então, senhores tirando essas duas pedreiras que aqui citei, a C-3.1 toca qualquer gênero musical e muito bem.

Quem já assistiu nossos Cursos de Percepção Auditiva, sabe da correlação direta entre equilíbrio tonal e transparência, para o quesito organicidade ser perfeito. E como a *Raidho* é uma referência nesses dois quesitos, em Organicidade (materialização física do acontecimento musical) ela é perfeita! Se a gravação estiver à altura desse quesito (como a gravação que usamos do tenor José Cura, *Anhelo*, faixas 18 e 19), você estará com os músicos em sua sala, para uma apresentação exclusiva para você. Chega a ser emocionante, quase que palpável e visível! Uma experiência simplesmente inesquecível!

O mesmo podemos dizer em termos de musicalidade, pois apesar de seu grau de transparência ser excelente, em um sistema bem equilibrado e à altura da *Raidho*, ela é muito musical, permitindo horas e mais horas de audição sem nenhum vestígio de fadiga auditiva. Pelo contrário, você não quer é parar a audição depois que começa, pois você quer ouvir toda sua coleção de discos e descobrir uma série de informações que estavam 'escondidas' ou que possuíam baixa inteligibilidade.

CONCLUSÃO

Sempre digo que determinados produtos que são muito superlativos em sua performance, são para poucos. E são para poucos, justamente, pelo fato de que muitas de suas qualidades somente serão reconhecidas e admiradas por aqueles que já tiveram muitos bons produtos, mas que sempre deixaram 'algo a desejar', e nessa



busca por upgrades mais seguros, em algum momento esbarrarão em produtos como a C-3.1.

E esses que navegaram por muitos anos na busca de sua caixa perfeita, é que terão a capacidade e o discernimento de reconhecer todas as virtudes de uma caixa desse nível. Os não experientes podem até admirar algumas qualidades, mas terão enorme dificuldade em aceitar que essa caixa pode ser sua aquisição definitiva se ainda estiverem 'pontualizando' suas escolhas.

Caixas como a Raidho você só dará o devido valor se já estiver naquele estágio em que o seu sistema não é um show de pirotecnia para os amigos. É um sistema exclusivamente para fins pessoais, solitários ou com a participação de membros da família que compartilhem dos mesmos objetivos e desejos. É para descobrir entre versões da mesma obra o motivo de uma determinada versão encantar e emocionar mais que outra que seja até mais bem avaliada pela crítica e os amigos.

Entender o grau de virtuosismo de um determinado músico, ou a complexidade agora integralmente inteligível nessa caixa de uma música que você ama demais, mas sempre ficou na dúvida de quantos instrumentos fazem a cama harmônica para o solista de uma obra que tanto te emociona. Ou simplesmente para redescobrir seus cantores e cantoras preferidos, como eles ainda te surpreendem, ainda que aquelas gravações estejam em sua vida por décadas!

Essa é a magia da C-3.1, uma caixa admirável em minha humilde opinião, por apenas dar muito mais harmonia, vida, precisão e emoção ao que já é belo! Para os que ainda acreditam que a vida fica mais intensa quando encontramos a medida exata para os nossos hobbies, a C-3.1 deve ser ouvida com extremo interesse, pois ela pode dar ao seu sistema uma beleza que há tantos anos você procurava!

PONTOS POSITIVOS

Uma caixa Estado da Arte!

PONTOS NEGATIVOS

O preço.

ESPECIFICAÇÕES	Falantes	- 1 tweeter ribbon - 1 médio de 4 polegadas (100 mm) - 3 woofers de 4,5 polegadas (115 mm)
	Amplificação	> 50W
	Crossover	150 kHz e 3 kHz (2ª ordem)
	Resposta de frequência	30 Hz - 50 kHz
	Impedância	> 5 Ohms
	Sensibilidade	90 dB (2.83 V/m)
	Gabinete	Bass-reflex com dutos traseiros
	Dimensões (L x A x P)	320 x 1320 x 540 mm (incluindo os pés)
	Peso	53 kg

CAIXA ACÚSTICA RAIDHO C-3.1	
Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	12,0
Textura	11,0
Transientes	12,0
Dinâmica	10,5
Corpo Harmônico	10,5
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,0
Total	91,0
VOCAL	
ROCK . POP	
JAZZ . BLUES	
MÚSICA DE CÂMARA	
SINFÔNICA	

Som Maior
(47) 3472.2666
R\$ 215.000 (o par)



Dynaudio com 50% de desconto em 5 vezes?
Só na Ferrari Technologies.

**ÚLTIMAS UNIDADES
APROVEITE!**



Linhas DM, Excite e Focus


FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

All there is. **DYNAUDIO**

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

TESTE
2
AUDIO



FAÇA O DOWNLOAD DO RELATÓRIO GÊNESIS, DA QED
[HTTP://WWW.QED.CO.UK/THEMES/QEDNEW/PDF/THE_GENESIS_REPORT_2.PDF](http://www.qed.co.uk/themes/qednew/pdf/the_genesis_report_2.pdf)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G8UZZ6FCNGS](https://www.youtube.com/watch?v=G8UZZ6FCNGS)

CABO QED REFERENCE DIGITAL AUDIO 40

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Muitos leitores têm me questionado se toda a linha de cabos da QED possui esse alto padrão de performance apresentado nos dois testes da linha Signature 40. Ou se só essa linha top possui esse desempenho. Começarei a dar respostas nesse teste que realizamos com o cabo digital da linha que se situa logo abaixo da linha top Signature 40.

A linha abaixo chama-se Reference e até três anos atrás era a linha top deste fabricante Inglês. Mas, com os avanços tecnológicos utilizados na linha Signature, muitos dos quais também incorporados na linha Reference, a nova designação 40 também vai para essa linha. O digital 40 das série Reference utiliza uma geometria cuidadosamente concebida para atingir a impedância correta para a transmissão de sinais no domínio digital. O cabo possui tripla camada de blindagem eletromagnética, através de uma geometria patenteada pelo fabricante, e de dielétricos. Isso (segundo o fabricante) contribui para uma transferência de sinal com muito baixo jitter e audíveis melhorias sonoras. O plug utilizado no digital Reference 40 é o mesmo da linha Signature, o RCA QED Digiloc, com contatos de cobre de

alta pureza e pino central oco. Esses novos plugs reduzem a perda de inserção de sinal em até 1,2 dB em comparação com plugs RCA similares.

O cabo possui uma capa em tom lilás, e além de muito leve e flexível, possui um acabamento que está muito acima do seu valor de venda. Como a QED consegue essa relação custo/performance é uma questão que cada vez me chama mais a atenção. Pois se está disponível à eles, também está a todos os fabricantes de cabos hi-end, então a pergunta que não quer calar é: quando os outros fabricantes irão começar a disponibilizar cabos com tamanha eficiência e qualidade a preços similares aos da QED?

O cabo foi utilizado em duas configurações: no dCS Scarlatti entre o transporte e o DAC e entre o blu-ray Oppo BDP-95 e o DAC Scarlatti. O cabo ficou em amaciamento 100 horas depois de nossas primeiras impressões. Ele vem, como todo cabo, com os extremos fechados, tanto em extensão como arejamento e decaimento. Mas uma coisa chama de imediato a atenção no Reference 40: seu equilíbrio tonal, naturalidade e transparência já são de altíssimo nível! ►

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

CABO QED REFERENCE DIGITAL AUDIO 40

Com 100 horas o som abre nos extremos e o cabo ganha uma profundidade nos planos, recorte e foco que não tinha. Em relação aos nossos cabos de referência digitais (é até uma covardia, pois custam de 10 a 50 vezes o seu valor) ele perde em três quesitos: textura, macrodinâmica e corpo. Poderia, se quiser ser chato, dizer que o timbre também perde, mas só percebi quando avaliei e comparei com os discos produzidos pela CAVI Records. Então não vale, pois com todas as outras gravações que utilizamos, era possível notar um invólucro harmônico mais simples, mas sem nenhum comprometimento na musicalidade, inteligibilidade e sem fadiga auditiva. É um cabo de excelente nível, e atende a 90% dos audiófilos e melômanos que desejam um cabo digital bom, barato e de alta performance!

Em um mundo em transformação, em que a fonte é um computador e um bom DAC, o Reference 40 da QED é uma opção excelente e realista com o valor da esmagadora maioria dos DACs que o mercado oferece na faixa de 1000 a 5000 dólares! Para um cabo digital que custe menos de 1000 reais é uma ótima opção.

Quando utilizado entre o Oppo e o DAC Scarlatti, ficou mais evidente a diferença de macrodinâmica entre o QED e nossas referências, mas os outros quesitos da nossa metodologia nos surpreenderam. Gostaria, no momento do teste, ter em mãos pelo menos um DAC mais barato para ver como o QED se comportaria em um setup ainda mais modesto, mas convenhamos mesmo que ele caísse de performance, a culpa teria que ser debitada ao conjunto e não apenas a ele.

E, para nós, o fundamental é ver o potencial máximo do produto em teste e não sua performance em um sistema todo limitado. Pois determinando seu ápice, o leitor pode com segurança saber os produtos que ficam em futuros upgrades e os que devem ser trocados imediatamente por se tratarem do elo fraco do sistema. Esse não é o caso do digital da QED. Ele pode tranquilamente passar por inúmeros upgrades até o sistema bater no patamar de um setup Diamante Referência.



CONCLUSÃO

Cabos digitais, na atualidade, possuem o mesmo peso e responsabilidade dos cabos de interconexão, força e de caixa. Eles fazem a condução do sinal da fonte ao DAC e devemos lembrar que tudo começa ali . As opções são muitas, porém as baratas e de alta performance são muito reduzidas. Aceitamos essa realidade passivamente por muito tempo, e até aqueles que acreditavam que cabos digitais são todos iguais, reviram suas posições nessa ultima década.

Os cabos digitais soam muito diferentes e os melhores eram sempre os mais caros (e bote caro nisso). O QED Reference Digital 40, veio para quebrar esse paradigma de preço e performance. Se você encontra-se nessa situação, de saber que seu setup digital pode

render mais, mas todos os cabos digitais que você testou custam mais que o seu setup, inviabilizando o upgrade, ouça o QED. Suas qualidades são muitas para não chamar sua atenção.

Ele além de uma construção impecável, possui uma performance de alto nível a um preço muito competitivo. Com certeza estará entre as pechinchas do ano, que valem muito mais do que custam! ■



PONTOS POSITIVOS

Relação custo x performance.

PONTOS NEGATIVOS

Macro-dinâmica e palco.

CABO QED REFERENCE DIGITAL AUDIO 40

Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	9,5
Textura	10,5
Transientes	11,0
Dinâmica	9,5
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,5
Musicalidade	11,0
Total	82,0



ESPECIFICAÇÕES

Condutores	Cobre livre de oxigênio 99,999% puro com banho de prata
Dielétrico	Espuma de polietileno extrudado
Blindagem	Dupla malha de cobre OFC 99,999% puro + capa de Al / Mylar
Plugues	QED Digiloc RCA folheado a ouro com contatos de cobre alta pureza
Impedância	75 ohms

Maison de La Musique
(11) 2117.7005
R\$ 790 (1m)

DIAMANTE
REFERÊNCIA



TESTE
3
AUDIO



CABO DE FORÇA ACROLINK 7N-P4020III

 Christian Pruks
christian@clubdoaudio.com.br

INTRODUÇÃO

Digamos que, em plena era da Internet, em plena era da tecnologia acessível (e mais compreensível) - quando já não se fala mais de pequenos demônios dentro da fiação elétrica que fazem as luzes acenderem e ninguém chama um padre para quebrar as lâmpadas com um porrete e um borrifador de água benta, por exemplo - uma pessoa que seja, digamos, fã de carros de alta performance e tecnologia não irá dizer que usar uma gasolina melhor, ou um óleo especial, é feitiçaria, somente porque a compreensão ou percepção dele não estava na mesma sintonia. Digo isso, que soa um pouco mal humorado, porque ainda hoje vejo pessoas com amplificadores e players de até dezenas de milhares de reais, usando os cabos de força originais emborrachados, aqueles que parecem cabo de computador. E, para tal, ouço argumentos fenomenais como “o cabo de força não deve alterar o som, porque não passa sinal nele”, só que esses se esquecem que os equipamentos tocam bem não é porque

tem um hamster dentro acionando uma rodinha, mas sim porque tem alta qualidade na fiação do transformador e nos componentes usados - e se pode e se deve usar transformador com fio bom, por que raios o cabo de força com fios e plugues de melhor qualidade não teria influência no som?! Então, caros audiófilos, se vocês já descobriram que cabo de força influencia sim na qualidade e nas características sonoras, então continue levando-os em consideração em seus futuros upgrades. Agora, se você ainda não usa cabos de força especiais em seus equipamentos, por favor não vá pelas minhas palavras, mas sim procure experimentar alguns e siga seus ouvidos - aposto minha coleção de figurinhas auto-adesivas de Star Wars que você não voltará aos cabos de monitor de computador.

SOBRE A ACROLINK

Com mais de 20 anos de atividade, a desenvolvedora e fabricante japonesa de cabos para áudio Acrolink, em associação com a gigante Mitsubishi, vem se dedicando à pureza do metal utilizado em seus

condutores, no caso o cobre, chegando aos primeiros cabos com o famosos 'noves' de pureza - ou seja, um cabo cujo cobre é 5N, ou 5 'noves' de pureza, significa que o metal, o cobre, é 99,999% puro. Hoje, o cabo aqui analisado, tem cobre 7N, com 7 nove de pureza, graças aos processos industriais da Mitsubishi - resultando em grande correção tímbrica e naturalidade, sendo que a Acrolink também é fornecedora, dentro do Japão, de várias marcas como Air Tight, Zanden e Esoteric.

SOBRE O 7N-P4020III

Dentro da linha da empresa - que compreende cabos de caixa, força e interconexão - o cabo de força 7N-P4020III é um produto de categoria intermediária na linha nova, a 7N, a qual substitui a linha anterior 6N que, por sua vez, usava cobre com um 'nove' a menos de pureza, daí a designação. O P4020III é vendido por metro, para ser usado em instalações elétricas que necessitem de longa metragem ininterrupta, assim como o importador oficial da marca também está vendendo o cabo com terminação. O 7N-P4020III que foi aqui analisado foi de 1 metro, com plugues japoneses da Furutech com contatos de cobre, modelo FI-15.

A pouca grossura e a grande maleabilidade do P4020III torna-o um bom produto para cabear instalações elétrica dedicadas para sistemas de áudio em residências e apartamentos, assim como é fácil para hobbistas descascá-lo e montá-lo em plugues à escolha do frequê.

SETUP & COMPATIBILIDADE

Só tenho como saber como o Acrolink 7N-P4020III toca com os plugues de cobre, porque é esse que me foi enviado para teste - suponho que com o intuito de mantê-lo com um preço final bom, para conquistar os corações dos audiófilos de entrada. Por que digo isso? Porque o P4020III com os plugues FI-15 tem características que tornam sua compatibilidade mais restrita aos equipamentos de entrada, como amplificadores integrados de potência entre 20 W e 50 W, como prés de phono, prés de linha, e todo tipo de fonte digital onde ele possa ser usado. Vi a questão ser levantada em fóruns, do P4020III ser mais indicado para fontes do que para amplificação - mas não tenho como saber se outros plugues melhorariam essa compatibilidade. Meus testes corroboram essa idéia em linhas gerais, mas acho que amplificações de menor potência podem se beneficiar do bom corpo, textura e peso dado aos graves e médios-graves por esse cabo.

Qual é o fator limitante do P4020III, seu lado ruim em questão à compatibilidade? Se o seu sistema for muito nervoso e grito na média e média-alta, o resultado poderá ser um timbre desagradável e artificial nessas regiões. Claro que, existem duas opções: domar isso em seu sistema usando outros recursos, ou tentar outros plugues no cabo que poderão não dar esse problema - mas que podem dar outros.

O amplificador Sunrise Lab V8 tem um enorme transformador e passa de 200 W em 4 Ohms: não se adaptou bem com o P4020III. Mas no SACD-Player Luxman D-06, as melhores características desse cabo de manifestaram belamente.

SISTEMA

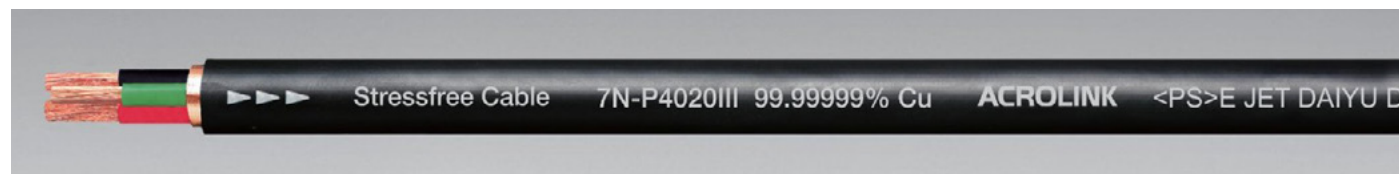
Durante os testes do cabo de força Acrolink 7N-P4020III, foi usado como fonte digital o Luxman SACD-Player D-06 e como amplificador integrado o Sunrise Lab V8 MkIII. As caixas foram as bookshelf Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II BySunrise. Os cabos de interconexão foram Sunrise Lab linha Reference II e QED Signature 40, os cabos de força Transparent PowerLink MM2, Nanotec e Sunrise Lab Reference, e os cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

À primeira vista - ou primeira ouvida - o P4020III proporciona um arredondamento do som, completado com um descongestionamento do palco. Ora, isso era tudo que eu queria em um sistema de entrada ou intermediário!

Quanto ao equilíbrio tonal, pelo lado negativo, falta um pouco de ar lá em cima, e o timbre nos médios e médios-altos é um pouco duro, e isso vai incomodar se seu sistema tiver a tendência a ser exagerado nessas frequências. Pelo lado bom, o som é detalhado, natural e musical, com graves cheios e é bem descongestionado no geral. Discos de rock e outros gêneros comprimidos, foram interessantes de se ouvir - e aqui curti bastante o *Fight for Your Mind* (Virgin) do instrumentista americano Ben Harper.

A ilusão de palco provida pelo uso do P4020III é realmente excelente: a separação entre instrumentos e camadas é algo realmente superior, dificilmente frontalizando alguma coisa, além de ter uma ambiência sensacional. De novo, material comprimido foi interessante de ouvir, como *The Lamb Lies Down on Broadway* (Virgin) remaster SACD japonês do Genesis. Deu para perceber a intenção



de algumas frequências da média-alta de começarem a incomodarmas, partindo do princípio de que você vai ouvir dentro de volumes de som decentes e que não derretam o cérebro para ele escorrer pelos ouvidos, então fique tranquilo, pois tudo ficou dentro de resultados bons e amigáveis.

As texturas de média-baixa e baixa são um doce de se ouvir, super aveludadas: contrabaixos, cellos, cordas em geral, pianos, teclados analógicos antigos, sax baixo, tuba, etc. Aqui eu curti muito a cantata clássica *Deirdre of Sorrows* (Windham Hill) do compositor irlandês Patrick Cassidy, cantada em língua irlandesa pelo Coral Tallis complementando a London Symphony Orchestra.

O teste padrão de transientes e intencionalidade acredito ser o CD *Chopin: Etudes Op.10* (Decca) do pianista Nelson Freire. Primeiro devo deixar claro que o P4020III não tem latente nenhuma impressão ou sensação de letargia ou falta de velocidade. Mas, com uma prova como esse trabalho do Freire, que tem alta velocidade, quantidade de notas e diferenças de intencionalidade, o P4020III mostrou um certo embolamento de teclas nas partes mais complexas, mas foi possível perceber as diferenças de intencionalidade e velocidade entre as mãos direita e esquerda ao piano.

Para testar micro e macro dinâmica, pego o meu CD com maior dinâmica: *1812* (Telarc) de Tchaikovsky, na segunda versão, que inclui os corais, com a partitura completa, pela Cincinnati Pops Orchestra e o Coro Sinfônico de Kiev, regidos por Erich Kunzel. Esse disco é a 'prova dos nove' da capacidade dinâmica de um sistema de áudio, e não estou falando dos tiros de canhão, mas sim da própria dinâmica da orquestra. Posso dizer que já senti pancadas maiores e mais realistas, variações dinâmicas mais viscerais, mas não fez feio literalmente: não ficou duro ou congestionado. Digno de nota é o fato de que a micro-dinâmica foi muito boa aqui, dando boa inteligibilidade a um trecho sobre o qual isso seria considerado um trabalho hercúleo por qualquer sistema que eu conheça.

O corpo nos médios, como vozes, piano e metais que usam parte dos médios e médios-altos, poderia ser um pouco maior, um pouco mais generoso. Isso transparece mais em orquestra e outras gravações mais acústicas cujo conteúdo tem sua organicidade dependente de corpo harmônico. Ou seja, o corpo menor nas médias e médias-altas pode desconectar um pouco o ouvinte do acontecimento musical. Assim foi no mesmo disco citado acima: *1812* (Telarc) de Tchaikovsky, com Erich Kunzel frente à Cincinnati Pops Orchestra. ►



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



CONCLUSÃO

Mais uma vez devo salientar que o review feito aqui foi do cabo com a terminação Furutech FI-15, de cobre, e que o uso de outros plugues dará várias características sonoras diferentes ao cabo.

Dito isso, devo dizer que esse cabo tem muito a oferecer, tem características muito bacanas para sistemas de entrada (seus players, prés e fontes digitais, e amplificadores de baixa potência) e para



Pluques Furutech FI-15 cobre

Condutores	- 2x cobre multifilar 14AWG com 7 noves de pureza (7N = 99,99999% puro) - 1x (terra) cobre multifilar 14 AWG com 4 noves de pu- reza (4N = 99,99% de pureza)
Blindagem	Cobre
Isolante	Resina de poliolefina
Plugues	- Furutech FI-15E (IEC) cobre - Furutech FI-15ME (2P+T) cobre
Diâmetro do cabo	10.6mm
Resistência	7.5mΩ/m
Capacitância	44pF/m

ESPECIFICAÇÕES - CAIXAS QUAD S2

sistemas intermediários (seus players, prés e fontes digitais), como o bom corpo e energia nas baixas e médias-baixas frequências, excelentes texturas e um palco organizado, profundo, de ótima ambiência, característico de sistemas bem mais caros. Sistemas de entrada e intermediários costumam ter palcos mais frontalizados e congestionados, e médias-baixas com menos corpo e peso - ou seja, o P4020III parece ter sido feito sob medida para dar muito mais organicidade à eles!

PONTOS POSITIVOS

Boa relação custo x benefício para sistemas de entrada e intermediários. Pode subir de nível com upgrade de conectores.

PONTOS NEGATIVOS

Algumas questões de compatibilidade.

CABO DE FORÇA ACROLINK 7N-P4020III

Equilíbrio Tonal	9,25
Soundstage	10,0
Textura	9,75
Transientes	9,25
Dinâmica	9,25
Corpo Harmônico	9,25
Organicidade	9,25
Musicalidade	9,75
Total	75,75

Estilo Musical	Porcentagem
VOCAL	100%
ROCK . POP	100%
JAZZ . BLUES	100%
MÚSICA DE CÂMARA	100%
SINFÔNICA	90%

KW Hi-Fi

(48) 3236.3385

R\$ 450 (por metro - sem terminação)

R\$ 770 (1 metro - plugues Furutech FI-15 cobre)

DIAMANTE
RECOMENDADO





PAIXÃO *POR ACÚSTICA*

artnovion



Showroom

Av. Eng. Roberto Zuccolo, nº 555/ 3º Piso/ B1 e B2 – Vila Leopoldina
São Paulo/SP - Tel. 11 2117.70.05/ 11 2117.70.04
comercial@maisondelamusique.com.br

TESTE
1
VIDEO



TV SONY XBR-75Z9D



Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A Sony expandiu sua linha de TVs com o lançamento da XBR-75Z9D. Esta linha também oferece um modelo de 100", além de outro 65" para o mercado americano, sem previsão de vendas no Brasil.

A Z9D é uma TV LCD / LED Ultra HD 4k plana apresentando exclusiva tecnologia *backlight master drive* com mais de 500 zonas dimerizáveis, melhorando o nível de preto e consequentemente aumentando a taxa de contraste. Também possui suporte a HDR (*high dynamic range*) com excepcional intensidade de "picos" luminosos, fazendo esta TV lutar pelo lugar mais alto do pódio entre as TVs LCD / LED.

Design, Conexões e Controle

A Z9D utiliza iluminação direta por LEDs distribuídos ao longo de todo o painel (*full array backlight*), recurso utilizado somente em algumas TVs topo de linha.

A Sony desenvolveu uma nova tecnologia de dimerização onde cada LED pode ser acessado individualmente. O princípio é chamado de *Focused Light Beam* e a Sony adotou o nome comercial de *Backlight Master Drive*. A parte traseira possui pequenos painéis plásticos que cobrem e protegem as diversas conexões. A Z9D possui 4 entradas HDMI, 2 entradas para vídeo composto, 1 entrada para vídeo componente, 2 conexões para cabo RF, 3 portas USB, conexão Ethernet RJ45, 1 saída de áudio analógica e 1 saída de áudio digital. Também possui conexão wi-fi embutida. O controle remoto segue o padrão usual de design das TVs Sony, com pequenas mudanças. Possui um microfone que se comunica com a TV via bluetooth, permitindo comandar a TV por comandos de voz.

Recursos

O sistema operacional da Sony Z9D é o Android versão 6.0. Ela possui um novo processador que torna a navegação mais rápida e ►



melhora o suporte a HDR. Este processador, segundo o fabricante, faz uma remasterização HDR baseada em objeto, melhorando o contraste e apresentando imagem mais natural.

Medindo pequenas áreas 100% brancas, a Z9D atinge 1600 nits, maior brilho em todas as TVs que testamos. Lembrando que TVs normais dificilmente superam 300 nits. O recurso de local dimming com LEDs distribuídos por todo o painel oferece um nível excelente de preto para TVs LCD / LED.

A navegação com sistema Android é fácil de usar, permitindo acesso ao conteúdo Smart e diversos aplicativos, entre os quais Netflix e Globo Play que oferecem alguns dos títulos em resolução UHD.

Audio

O áudio é satisfatório para uso diário, mas sempre recomendamos um bom sistema de áudio ou soundbar para assistir filmes e shows.

Qualidade de Imagem

A Z9D após a calibração mostrou imagens muito bonitas e naturais, com cores vivas, sem nenhum excesso de saturação. O contraste é realmente muito bom e notamos que o halo em volta de objetos brilhantes sobre fundo escuro é bem menor que outros modelos de TVs LCD / LED, não incomodando nem prejudicando a ótima sensação de imersão. O painel é muito homogêneo, não apresentando distorções ou vazamentos excessivos de luz. ►

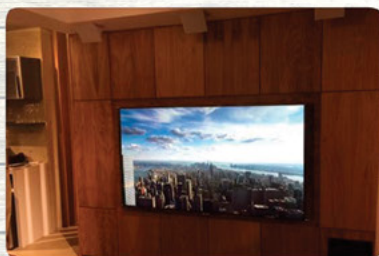
REMOTO CENTRAL É



BE SONY é o canal de vendas especializado da **SONY**. Para obter a melhor experiência de compra, portfólio de produtos **PREMIUM** e serviços diferenciados, a **REMOTO CENTRAL**, empresa especializada em tecnologias de Áudio e Vídeo altamente qualificada, oferece em parceria com a **SONY**, as melhores formas de entretenimento.

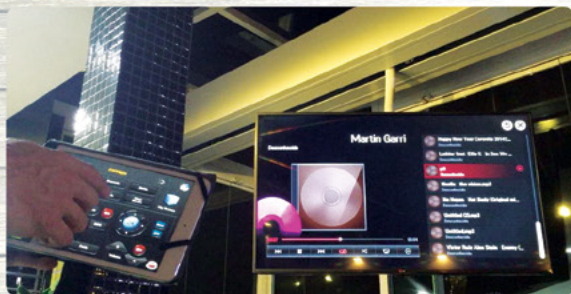
Compre no site do fabricante, com atendimento exclusivo e garantia diferenciada.

Para acessar estas vantagens, acesse:
www.remotocentral.com.br/besony
e utilize nosso código: **REMOTO114**.



Acessórios especiais, motores e controles remotos para a sua TV:

- Subir e descer
- Abrir e fechar
- Deslizar e girar
- Embutir e aparecer
- Movimentador com ou sem giro



Tel. 11 4223-9977

atendimento@remotocentral.com.br
www.remotocentral.com.br

Alguns trechos e de filmes em HDR realmente surpreenderam pelos picos de luz e alta taxa de contraste.

A Z9D é uma TV excelente, a melhor Sony já fabricada, repleta de recursos e com uma qualidade de imagem que a coloca no topo entre as melhores TVs do mercado. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Samsung UBD-K8500
- Colorímetro x-rite
- Luxímetro Digital

ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	10
Acabamento	10
Características de Instalação	10
Controle Remoto	09
Recursos	11
Automação e Conectividade	10
Qualidade de Imagem em SD	10
Qualidade de Imagem em HD	12
Nível de Ruído	10
Consumo e Aquecimento	10
Total	102

Sony
www.sony.com.br
Preço sugerido: R\$ 44.999

**ESTADO
DA ARTE**



Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Karma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

Jean Rothman

A TV Sony XBR 75Z9D possui alguns ajustes de imagem pré-definidos. Nossas medições iniciais apresentaram as seguintes temperaturas de cor:

- Modo “Cool”: 12.816K
- Modo “Neutral”: 10.414K
- Modo “Warm”: 8.745K
- Modo “Expert 1 e 2”: 6.923K

O modo “Cool” tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes. Tonalidade semelhante foi obtida nos modos “Neutral” e “Natural”.

O modo “Expert” esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições fazendo a calibração para 6.500K.

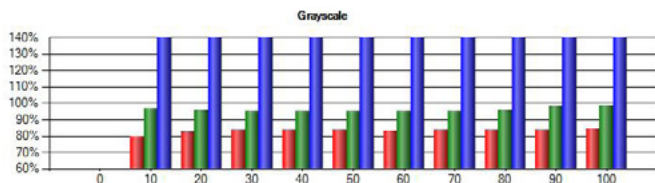
O controle “backlight” foi ajustado para uma luminosidade de 35fL (Foot Lambert, unidade de luminância) em ambiente escuro.

Como todas as TVs atuais, os ajustes de fábrica resultam em imagem péssima, com tons de cinza totalmente desequilibrados, brilho excessivo e cores erradas e extremamente saturadas.

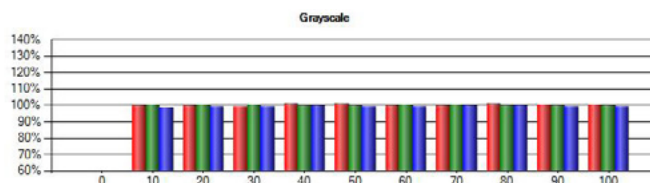
Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 43,3 e o maior dE individual de 47,0 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra. Abaixo de 3 é considerado visualmente indistinguível do resultado ideal).

A eletrônica desta TV é excelente, depois de ajustada e calibrada os resultados foram muito bons. Apenas sentimos falta dos ajustes de CMS (Color Management System), presente em outras TVs, que ajuda a fazer um ajuste fino.

Após a calibração obtivemos um dE médio de 0,6, excepcional resultado demonstrando perfeita linearidade na escala de tons de cinza.

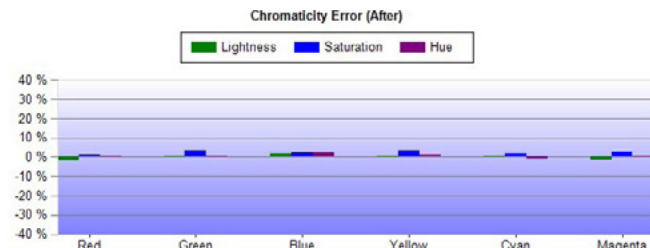
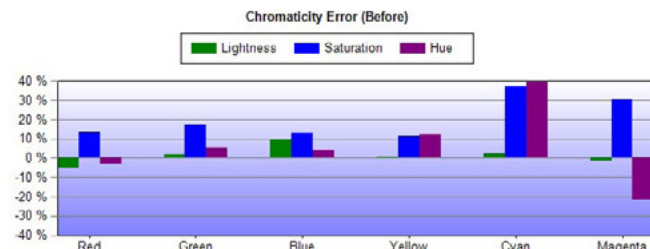
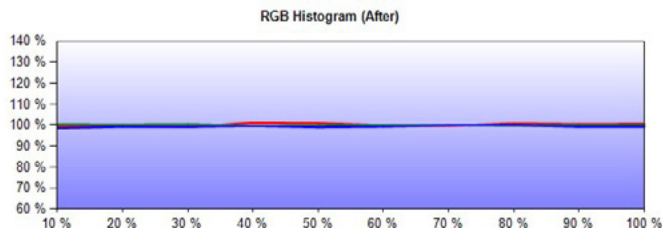
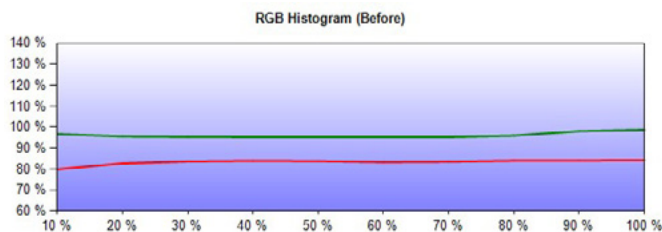


Pré-calibração



Pós-calibração

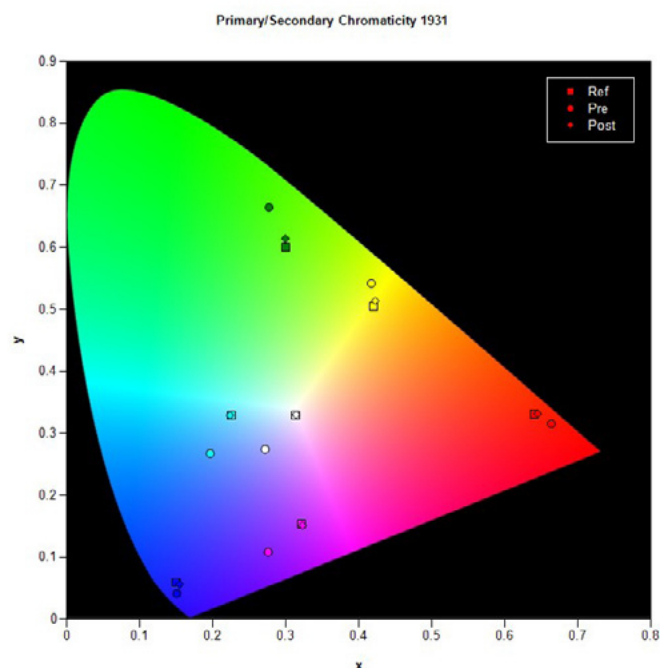
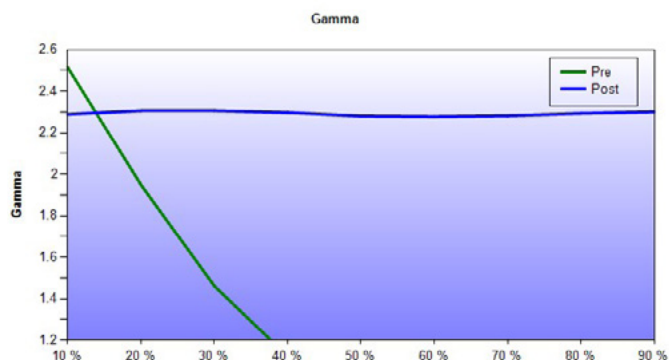
As cores apresentaram extrema saturação de azul (B), média de 187%, tão alta que não aparece no gráfico abaixo. Em compensação, utilizando os controles avançados da TV a linearização ficou simplesmente perfeita. O dE médio inicial foi de 10,3 e após a calibração obtivemos dE 1,1, excelente resultado cromático.



A curva de Gama inicial estava péssima, com valor médio de 1,30, em função dos ajustes de fábrica. Este valor extremamente baixo torna as imagens muito lavadas, sem nenhuma definição de detalhes, principalmente nas áreas mais claras.

Parabéns para a Sony que finalmente introduziu um menu com ajuste de gama em 10 pontos nas TVs de nova geração. Utilizando este menu de 10 etapas, as medições pós-calibração apresentaram Gama médio de 2,29 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%) e ótima linearidade.

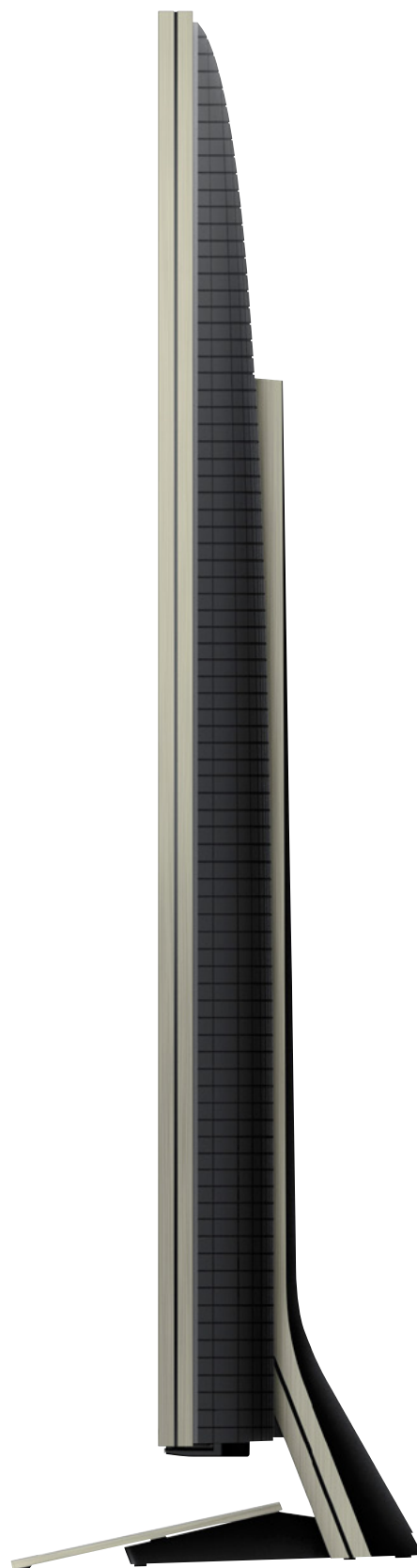
A taxa de contraste medida foi de 12.940:1, valor excelente para aparelhos LCD LED. O nível de preto da Z9D, apesar de ainda não atingir o preto absoluto das TVs com tecnologia OLED, é excelente.



Em muitas cenas ficamos surpresos com uma performance tão boa em uma TV LCD.

O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando excelente linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações, conforme mostra o quadro de espaço cromático (CIE BT.709) acima. Reparem na enorme diferença entre as cores com os ajustes de fábrica e após a calibração.

De um modo geral, a imagem desta TV é fantástica e recomendo aos que buscam um produto hi-end que procurem conhecer a Z9D. ■





BEETHOVEN, A CONSUMAÇÃO DO CLASSICISMO

XX Omar Castellan

Na evolução da música, Beethoven (1770-1827) desempenha um papel mais decisivo que o de qualquer outra figura isolada, sem exceção Bach. É suficiente comparar suas primeiras obras com as últimas para reconhecer os progressos feitos pela arte musical durante sua existência - progressos devido a ele, em grande parte. Libertou as formas clássicas de suas primitivas restrições, dando-lhes, simultaneamente, uma nova extensão e flexibilidade. Trouxe à arte musical profundezas de expressão que ela não conhecia antes. Deu à linguagem de cada instrumento para o qual escreveu uma nova opulência. Em resumo, fez da arte da música o que ela é modernamente.

Beethoven exprime a completa emancipação dos sentimentos e do espírito humano, e procura traduzir todos os aspectos da sensibilidade íntima, capazes e merecedores de serem trazidos à esfera dos planos e propósitos artísticos. Mas é Beethoven um romântico? Os franceses sentem-no assim, porque para eles o padrão do "clássico" é dos séculos XVII e XVIII. Para os alemães, que desconhecem esse padrão, Beethoven é clássico, assim como seus predecessores. Os adeptos da tese do romantismo de Beethoven, cujos argumentos principais são as obras pré-românticas da mocidade, deveriam admitir que vive em sua obra algo do estilo Empire, neoclássista; basta ouvir os Concertos para Piano e Orquestra nº 4 e nº 5. Os adeptos da tese do "clássico" podem demonstrar, cabal-

mente, que Beethoven não foi revolucionário; inovou muito menos do que se pensa. Manteve firmemente as formas de Haydn, do qual é sucessor, apenas alargando-as. Isso não diminui a originalidade de Beethoven, que ampliou o campo das experiências modulatórias e das expressões emocionais.

Atualmente, é Beethoven o compositor mais conhecido do mundo. Suas obras são as mais executadas, formando a base do repertório sinfônico, camerístico e pianístico. Como disse Otto Maria Carpeaux - "Do opus 1 ao opus 135, a arte de Beethoven é o maior documento humano em música. Se desaparecesse do nosso horizonte espiritual, a humanidade teria deixado de ser humana. Estão indissolivelmente ligados o destino da música beethoveniana e o destino de nossa civilização".

As nove sinfonias de Beethoven são, talvez, o mais famoso corpus artístico da música ocidental. Notabilizam-se pela variedade de conceitos poéticos e musicais nelas encontrados. A Primeira é considerada "subversiva" (por suas tonalidades) em relação às sinfonias anteriores do período. O heroísmo épico da Terceira eleva-se entre a Segunda, lírica, e a Quarta, elegíaca e amável. A Quinta, dramática, associa-se à Sexta, pastoral. À poderosa e decidida Sétima, a "sinfonia da dança", segue-se a alegre e vivaz Oitava, e a todas, sucede a Nona, um hino à fraternidade humana.



As Nove Sinfonias

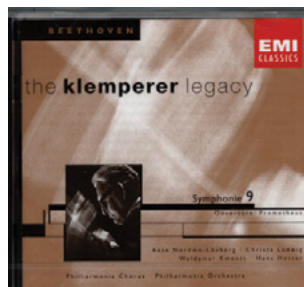
Chamber Orchestra of Europe
N. Harnoncourt (regente)
Teldec 0927497682 (5 CDs)

Diz-se, frequentemente, que um Beethoven maior se encontra nas sinfonias de números ímpares; seria mais verdadeiro afirmar que na série de números pares temos um Beethoven diferente, mas não inferior. Um psicólogo poderia explicar por que Beethoven, depois de medir-se com uma obra de proporções monumentais, gostaria de utilizar o seu posterior esforço sinfônico em menores dimensões; é quase como se as reservas de seu espírito, sugadas pelas exigências de uma incumbência mais importante, só pudessem ser refeitas por intermédio de uma tarefa mais ligeira. Certamente não é por acaso que a uma sinfonia beethoveniana de estatura épica se segue sempre uma de caráter mais lírico e mais leve. Contudo, seria um erro menosprezar o valor artístico das obras menores.

Entre as características das sinfonias de Beethoven destaca-se a sua capacidade de desenvolvimento, mudança e transformação, que nele é inerente ao processo criativo em si; outro traço é sua habilidade de apresentar elementos conflituosos, sem que isso implique emenda ou correção alguma. Paradoxalmente, suas obras são páginas tão soberbamente organizadas, que esse conflito é imperceptível.

Há integrais do mais elevado nível artístico no mercado discográfico, como as de Toscanini, Furtwängler, Walter, Klemperer, Böhm, Karajan, Celibidache, Szell, Solti, Wand, Jochum, Dohnányi, Bernstein, Abbado, Masur, Davis, Rattle, Zinman, Vänska etc, que utilizaram instrumentos modernos em sua realização, e há aquelas cujos regentes preferiram o uso de instrumentos de época, como Gardiner, Brüggen e Norrington. Porém, para aqueles que não querem ficar vacilando entre extremos, a integral de Harnoncourt é uma boa escolha. Com uma orquestra relativamente pequena, o maestro austríaco garante a clareza e a textura, como também a espontaneidade e a alegria. É uma coleção que contentará tanto o neófito quanto o especialista.

Recomendações adicionais: **The 9 Symphonies** - Minnesota Orchestra / Vänska / Bis SACD 1825-26 (5 SACDs). **The 9 Symphonies** - Orchestre Révolutionnaire et Romantique / Gardiner / Archiv 439900-2 (5 CDs). **The 9 Symphonies** - Zurich Tonhalle / Zinman / Arte Nova 74321 65410-2 (5 CDs). **The 9 Symphonies** - Berlin Philharmoniker / Karajan / DG 429089-2 (6 CDs). **The 9 Symphonies** - Wiener Philharmoniker / Rattle / EMI 557445-2 (5 CDs).



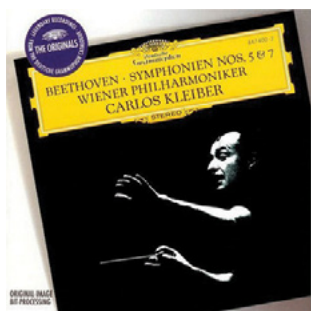
Sinfonia nº 3 em mi bemol maior, "Heróica" (op. 55). Grande Fuga

Philharmonia Orchestra. Otto Klemperer (regente). EMI CDM 763356-2 (1959, estéreo)

Em outubro de 1802, Beethoven, após defrontar-se com o duro golpe de sua surdez progressiva, chegou a pensar em suicídio. Após essa crise, encontramos nele uma aceitação da "vontade divina" e uma afirmação vital que observamos na que é, talvez, a obra crucial de sua carreira, a Terceira Sinfonia, chamada Heróica. Como é sabido, este cognome provém da intenção do autor de dedicá-la ao jovem Napoleão como símbolo da liberdade. Após esta leitura mais superficial, é fácil encontrar o heroísmo do próprio Beethoven frente a sua doença incurável e seu incipiente desespero. Apesar da fama dos dois últimos movimentos e da grande popularidade da Marcha Fúnebre, a novidade que nos traz a Heróica está em seu monumental primeiro movimento e a enorme sombra que, fechando-se sobre ele, lhe imprime uma enorme força de caráter. Partindo de um material simples, o músico formula um axioma. Desde os primeiros compassos, o autor sabe o que quer dizer e, através de um desenvolvimento elaborado e cuidadosamente preparado, vai avançando em seus argumentos, ao mesmo tempo em que sustenta a estrutura sinfônica. É a música em estado puro, cheia de um poder ao mesmo tempo dramático e épico. Para alguns, a maior obra de Beethoven. Nenhuma sinfonia antes desta fora planejada numa tão vasta escala arquitetônica, assim como nenhuma outra precedente fora tão saturada de intensidade dramática e emotiva. Aqui, seguramente, a música se tornou muito mais que uma sucessão de agradáveis sonoridades; veio a ser uma experiência humana, um idealismo, uma tragédia de proporções gregas.

Otto Klemperer, em sua versão em estéreo, iguala-se com aquela histórica de Furtwängler (1944, com a Filarmônica de Viena), no épico e no sobre-humano; entretanto há alguns aspectos diametralmente opostos - Klemperer privilegia a transparência harmônica (enquanto Furtwängler envereda-se em um enfurecido contraponto), e adota tempos de uma intimidante lentidão. A Marcha Fúnebre, além de estar intensa, é de uma majestade granítica sem equivalência em toda a discografia.

Recomendações adicionais: **Symphonie 3** - Munich Philharmoniker Orchestra / Celibidache / EMI / 556839-2. **Symphonie 3** - Wiener Philharmoniker / Furtwängler / Thara 1031. **Symphonie 3** - Los Angeles Philharmonic Orchestra / Giulini / DG 447444-2. **Symphonie 3** - Philharmonia Orchestra / Klemperer / EMI 567741-2 (1955, mono). **Symphonie 3** - NBC Symphony Orchestra / Toscanini / Music & Arts 1134. **Symphonie 3** - Berliner Philharmoniker / Karajan / DG "Galleria" 419049-2 (1976).



Sinfonia nº 5 em dó menor (op. 67) e Sinfonia nº 7 em lá maior (op. 96)

Wiener Philharmoniker. Carlos Kleiber (regente). DG "Originals" 447400-2

O livro de anotações do compositor nos mostra toda a minúcia com que elaborou o famoso primeiro movimento da Quinta Sinfonia, e, também, até onde remonta sua preocupação pelo motivo de quatro notas que abre esta página. Deram-se inúmeras interpretações de seu significado, que o próprio autor definiu como: "Assim o destino bate à porta". Não sabemos com exatidão se o compositor quis expressar com ele a fatalidade, mas é fora de dúvida que encerra um sentimento trágico, como a luta misteriosa e titânica do próprio Beethoven contra a solidão e o isolamento e que, mesmo assim, confia na vitória de suas próprias forças. O papel proeminente que o gênio de Bonn confere a esta célula, que aparece mais ou menos transformada ao longo de toda a obra, a converte em uma das afirmações mais veementes de seu criador.

A Sétima Sinfonia foi qualificada por Wagner como a "apoteose da dança". Com efeito, há um obsessivo pulso rítmico que invade toda a obra, sendo tão poderoso que chega a dominar a expressão e formulação temáticas. No entanto, não é só o ritmo o mais destacado desta página. Há nela um tratamento dos instrumentos de sopro muito novo - Beethoven chega a considerá-los como um grupo autônomo que, em certas ocasiões, como no primeiro movimento, se opõe a toda a orquestra, interpretando um tema próprio e diferente. O célebre e belo allegretto está fortemente ligado ao estilo heróico do autor e tem uma grande afinidade com a Marcha Fúnebre da Terceira, se bem que, na Sétima, o autor parece ter destilado a idéia do pathos heróico.

Nas versões da Quinta e da Sétima Sinfonias de Beethoven (gravadas em 1975 e 1976, respectivamente, com a Filarmônica de Viena), tem-se o testemunho definitivo da permanência da arte interpretativa de Carlos Kleiber - o domínio absoluto da orquestra, a inspiração, a clareza rítmica, o equilíbrio formal e expressivo da leitura orquestral e, sobretudo, a presença e força de seu carisma. É difícil imaginar algo mais eletrizante do que essas gravações, que se tornaram antológicas.

Recomendações adicionais: **Symphonies 3, 5, 6 e 7** - Chicago Symphony Orchestra / Reiner / RCA 74321 886812 (2 CDs). **Symphonies 3, 5, 7 e 8** - Berlin Philharmoniker Orchestra / Fricsay / DG 457952-2 (2 CDs). **Symphonies 5 e 6** - Berliner Philharmoniker / Maazel / DG 459004-2. **Symphonies 5 e 7** - Berliner Philharmoniker / Furtwängler / DG 427775-2. **Symphonies 5 e 3** (Schumann) / Los Angeles Philharmonic Orchestra / Giulini / DG 445502-2. **Symphonies 5 e 6** - NDR Symphony Orchestra / Wand / RCA 09026-61930-2. **Symphonies 7 e 9** (Schubert) / Davis / EMI "Double forte" 569364-2 (2 CDs).



Sinfonia nº 9, em ré menor, "Choral" (op. 125)

A. Tomowa-Sintow, A. Baltsa, P. Schreier, J. van Dam. Berliner Philharmoniker. H. von Karajan (regente). DG "Galleria" 415832-2 (versão 1977)

A primeira nota clara de Beethoven sobre a inclusão de vozes em coro numa obra sinfônica acha-se registrada no caderno de 1822 - "Finale: Alegria, bela centelha divina, filha do Eliseo...". Esse hino coroa agora a sua última e mais grandiosa sinfonia, que supera, tanto em duração quanto em arrebatamento expressivo, todas as outras de sua própria época.

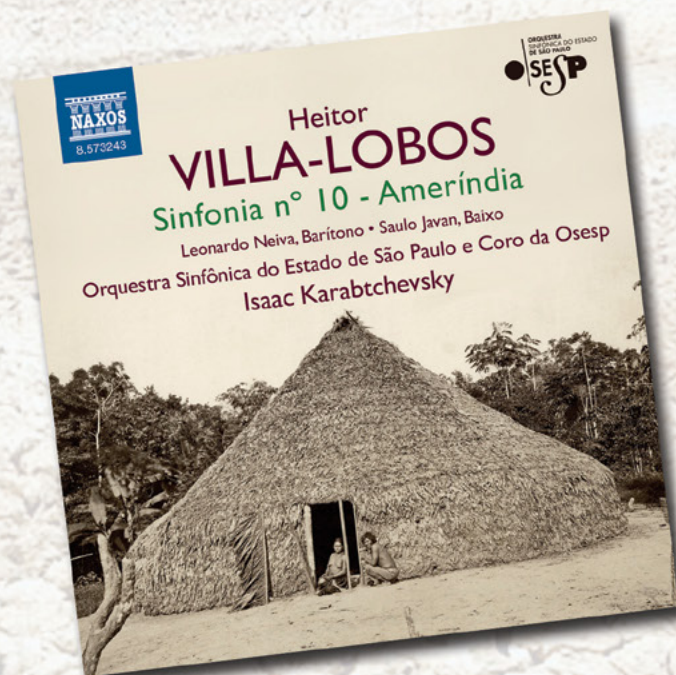
Na Nona, Beethoven deu o passo decisivo rumo à música absoluta, à pintura sonora. Aqui, as palavras de Schiller apontam o rumo - o amor e a fraternidade de toda a humanidade. O movimento final eleva-se com grandiosa dramaticidade em dimensões gigantescas, e obriga o compositor, também, a uma reorganização dos movimentos: o scherzo extremamente movimentado é deslocado para o segundo lugar; o adagio nostalgicamente melodioso, entoado em longas frases, para o terceiro lugar, e, portanto, imediatamente anterior ao irromper do finale, semelhante ao desencadear de um furacão. E nesse movimento há uma inovação de importância que supera sua época - ao lado da inclusão de vozes em solo e coro, Beethoven cita os temas principais dos três primeiros movimentos, mas apenas para rejeitá-los, como se agora eles já não lhe bastassem mais, visto que ele deseja expressar a idéia mais alta, fundamental. E, após essa tripla rejeição, introduz o canto humano - o baixo expressa agora em palavras o que antes era representado como drama tonal, e canta, em palavras escritas pelo próprio Beethoven: "Ó amigos, não esses sons! Mas sim, vamos entoar de forma mais agradável e com mais alegria!" É o início do hino jubiloso, em cujos movimentos solenes ("diante wde Deus") flui dominadora a crença de Beethoven no Todo-Poderoso.

Das cinco nobres gravações da Nona realizadas por Karajan (as duas primeiras pela EMI, e as três últimas pela Deutsche Grammophon), a versão de 1977 (DG), com sua orquestra predileta, a Filarmônica de Berlim, é a mais indicada pela qualidade sonora, pelo coro impecável do Singverein de Viena e pelos quatro solistas "habituais" do maestro. Versão sem falhas, equilibrada, precisa e dionisiaca no finale.

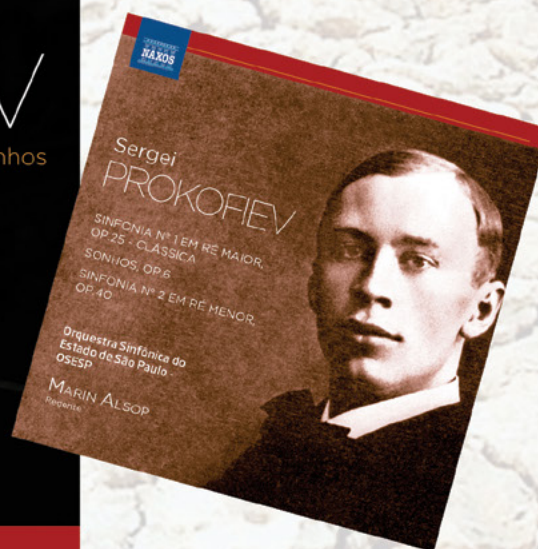
Recomendações adicionais: **Symphony 9** - Chorus & Orchestra der Festspiele Bayreuth / Furtwängler / EMI Great Recordings of the Century 566901-2. **Symphony 9** - Chicago Symphony Orchestra / Solti / Decca D103847. **Symphony 9** - Wiener Philharmoniker / Bernstein / DG 410859-2. **Symphony 9** - Berlin Philharmoniker / Fricsay / DG 463626-2. **Symphonies 6 e 9** - Wiener Philharmoniker / Böhm / DG 413721-2 (2 CDs). **Symphony 9** - NBC Symphony Orchestra / Toscanini / Naxos 8.110824 (02/12/1939). **Symphony 9** - Wiener Philharmoniker / Weingartner / Avid

Uma parceria que deu certo: MOVIEPLAY e OSESP

Lançamentos nacionais - NAXOS



Heitor Villa-Lobos: Sinfonia nº 10 - Ameríndia



Prokofiev OSESP: Sinfonias nº 1 - Clássica, nº 2 e Sonhos

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
i "movieplaydigital"
+movieplay digital

(11) 3115-6833



BEETHOVEN: ABERTURAS E CONCERTOS

XX Omar Castellan

As Aberturas de Beethoven são peças isoladas para orquestra que possuem, cada uma delas, a sua própria história. Incluem alguns dos maiores trechos orquestrais de Beethoven - como a Leonore III -, e apresentam, às vezes, como é o caso de Egmont e Coroliano, um Beethoven altamente dramático, que talvez possa ser considerado mais romântico que o Beethoven das sinfonias. O que não é difícil de explicar: o mestre se sentira, neste gênero, descompromissado de qualquer modelo histórico; e na desenvoltura de suas realizações, abre caminho para o futuro poema sinfônico.

Assim como ocorre em suas sinfonias, cada um dos concertos de Beethoven tem personalidade própria e inconfundível, tornando arriscada qualquer tentativa de enquadrá-los numa determinada categoria. O Primeiro e o Segundo Concertos para piano são estimulantes, em boa contrapartida com a Primeira e a Segunda Sinfonias, e o Triplo Concerto para violino, violoncelo, piano e orquestra é de todos os escritos por ele o que mais se aproxima das obras pouco sinfônicas de compositores contemporâneos seus, como Hummel e Spohr. Seus concertos para piano mais imponentes, o nº. 3 e o nº. 5 ('Imperador'), são uma combinação de virtuosismo concertante e de seriedade sinfônica. O Concerto para piano nº. 4 é suave e tranquilo, uma das obras mais líricas do mestre. Como os concertos de Mozart, esta obra trata o piano antes como instrumento melódico do que de percussão. O Concerto para violino, que integra esse mesmo período criativo de Beethoven, é música absoluta, talvez o mais belo exemplo do gênero.



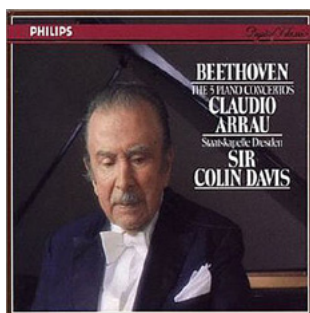
Aberturas

Zurich Tonhalle Orchestra. David Zinman (regente)
Arte Nova 82876 57831-2
(2 CDs)

Assim como há muitos grandes escritores cujos contos de certa maneira cobrem o mesmo terreno já explorado por eles em seus romances, as Aberturas escritas por Beethoven são, por assim dizer, edições de bolso de seu estilo musical, bem como das emoções e sentimentos que exprimiu em obras mais extensas. Egmont, por exemplo, que foi escrita como outras peças sob inspiração da tragédia de Goethe, a respeito do conflito entre o dever político e o dever moral, apresenta-se vigorosa como música e se desenvolve a partir de um início elegíaco e fragmentário até chegar ao seu final heróico e afirmativo. Semelhantes a ela, em matéria de tratamento, são Coroliano, inspirada pelo drama homônimo de Shakespeare, e Leonora nº. 3, a última e mais famosa das três que escreveu para sua ópera Fidélio.

Foi uma grata surpresa quando surgiram, há alguns anos, as refinadas e transparentes gravações do ciclo completo das sinfonias de Beethoven, com David Zinman e a Orquestra Tonhalle de Zurich. Essa coleção de dois CDs, com a interpretação das Aberturas, também não fica atrás - o drama da escrita de Beethoven está sublinhado no rigor dos ataques e no grande contraste da dinâmica. Logo que se escuta a primeira faixa do cd, já se tem o padrão que ocorrerá nas demais interpretações - fenomenal clareza de articulação e transparência de texto.

Recomendações adicionais: **Overtures** - Berliner Philharmoniker / Karajan. DG 427256-2 (2 CDs). **Overtures** - Bremen German Chamber Orchestra / Harding. Virgin 545364-2. **Overtures** - COE / Harnoncourt. Warner Elatus 2564 61779-2.



Concertos para Piano e Orquestra (1 a 5)

Claudio Arrau (piano). Staatskapelle Dresden. Sir Colin Davis (regente)
Philips 422149-2 (3 CDs)

Na forma do concerto para piano, mais do que em qualquer outra, levou Beethoven mais tempo para libertar-se de sua subserviência a Mozart. Os três primeiros concertos são fruto do século XVIII, por seu formalismo, seu estilo clássico, sua linguagem graciosa e sua lucidez de expressão. Neles, o piano compraz-se em pura virtuosidade. Já, o Quarto Concerto (1806) encontra Beethoven no auge de sua força criadora - daí em diante ficaria o concerto para piano ligado a um conteúdo poético, à força dramática, à expressão, tanto quanto à ideia de virtuosismo e à obra de trechos brilhantes. O nº. 5 é o famoso "Imperador" (1809) e tem, realmente, um ar napoleônico - é a mais audaz realização no campo do concerto para um instrumento solista e aproxima-se das proporções da sinfonia.

A integral dos concertos realizada por Arrau/Davis está magnífica. Claudio Arrau desenvolve um canto interior de uma fascinante plenitude, e o acompanhamento de Colin Davis, à frente da sublime Staatskapelle de Dresden, é um milagre de nobreza expressiva e profundidade musical. A sonoridade, rica em graves, está absolutamente suntuosa.

Recomendações adicionais: Concertos para Piano (1 a 5) - Perahia / Concertgebouw Orch. / Haitink. Sony Classical S3K44575 (3 CDs). **Concertos para Piano (1 a 5)** - Pollini / Berliner Phil. / Abbado. DG 439770-2 (3 CDs). **Concertos para Piano (1 a 5)** - Kempff / Berliner Phil. / van Kempen. DG mono 427237-2 (3 CDs).



Concerto para Violino e Orquestra

Itzhak Perlman (violino). Berliner Philharmoniker. Daniel Barenboim (regente)
EMI 749567-2

Beethoven compôs apenas um concerto para violino e orquestra (obra contemporânea do Concerto para Piano nº. 4, da Quarta Sinfonia, assim como dos três Quartetos Razumowski). É como se houvesse percebido que com essa obra esgotara as possibilidades artísticas do gênero, e que qualquer outro esforço nessa direção seria marcar passo. Na verdade, é uma obra épica que amesquinha todos os outros concertos anteriores para violino. A característica comum de seus três movimentos - Allegro ma non troppo, Larghetto e Rondo -, parece ser a importância que tem a orquestra, cuja densidade, no entanto, raramente se opõe ao solista; este, ao contrário, esclarece o discurso orquestral, reforçando-lhe a expressão, que ele subordina continuamente aos seus dons naturais de virtuosidade. Nunca antes este instrumento havia conhecido glória mais bela em seu papel concertante.

Itzhak Perlman possui a visão necessária no longo 1º movimento e a energia atlética ideal no finale. Além disso, é um dos raros violinistas capazes de explorar as profundezas do Larghetto central. A gravação realizada ao vivo, em 1986, com Daniel Barenboim e a Filarmônica de Berlim, encontra-se eloquente e com uma razoável qualidade sonora.

Recomendações adicionais: Violin Concerto (e o de Mendelssohn) - Menuhin / Philharmonia Orch. and Berliner Phil. / Furtwängler. EMI "Great Recordings of the Century" mono 566975-2. **Violin Concerto** - Hilary Hahn / Baltimore S.O. / Zinman. Sony Classical SK60584. **Violin Concertos. Romances nº. 1 e nº. 2** - Zehetmair / Orchestra of the Eighteenth Century / Brügggen. Philips 462123-2.



Concerto Triplo para Violino, Violoncelo e Piano (com os Cinco Concertos para Piano)

Hoelscher (violino). H. Schiff (violoncelo) C. Zacharias (piano). Staatskapelle Dresden e Leipzig G. Orchestra. Kurt Masur e Hans Vonk (regentes)
EMI "Triples" 500927-2

A obra representa uma tentativa interessante para conciliar em um novo quadro formal, o estilo - muito respeitado na Viena dessa época, 1805 - dos trios de música de câmara, aquele do antigo concerto grosso, no qual um grupo de instrumentos dialoga com o tutti orquestral, e, enfim, aquele do concerto de solista ampliado para conter diversos solistas. Seja lá o que for, além de seu caráter sinfônico, o Concerto Triplo toma forma de uma "sinfonia concertante", na qual entre os três solistas se divide o percurso temático - ora melódico, ora rítmico -, e não o fazem em perfeita concordância.

Os solistas dessa versão do Triplo Concerto, liderados pelo violoncelista Heinrich Schiff, estão em perfeita harmonia - o desenvolvimento do 1º movimento é firmemente mantido, com uma exposição dos solistas magnífica e com a devida atenção de Kurt Masur aos detalhes; o breve movimento lento possui a intensidade adequada, sem exageros de cores e virtuosidade, enquanto o finale encontra-se idealmente transparente e leve. Como complemento, há a excelente e refrescante interpretação dos 5 Concertos para Piano de Beethoven, com o solista alemão Christian Zacharias, sob a regência de Hans Vonk.

Recomendações adicionais: Triple Concerto. Choral Fantasy - Perlman / Ma / Barenboim / Deutsch Staatsoper Ch. EMI 555516-2. **Triple Concerto (e Piano Concerto de Schumann)** - Argerich / Capuçon / Maisky / Svizzera-Italiana Orch. / Rabinovitch-Barakovsky. EMI 557773-2.



BEETHOVEN: OBRAS PARA PIANO SOLO

XX Omar Castellan

As trinta e duas sonatas para piano de Beethoven têm o valor e o fascínio de estarem espalhadas, de maneira mais ou menos uniforme, por toda a sua vida criadora, sintetizando a imensa jornada musical e espiritual contida nessa vida. Como O Cravo Bem Temperado de Bach, essas sonatas fazem muito mais do que enriquecer o repertório de um instrumento, ilustram a perfeição, a flexibilidade e os recursos quase infinitos de uma determinada forma musical nas mãos de um compositor genial. Representam o poder emergente do próprio piano, da rivalidade com o cravo até a supremacia incontestada como instrumento solista, cobrindo um período curto mas vital da história em que as transformações sociais se refletiam no mundo das artes. Diz-se que as figuras históricas realmente destacadas tiveram a sorte de nascer no tempo certo. É inútil imaginar de que modo Beethoven teria se desenvolvido se tivesse sido lançado no cenário um século mais cedo. Um século mais tarde, o cenário dificilmente seria o mesmo sem a sua influência. O destino, como ele o teria chamado, não poderia ter escolhido momento mais propício. Beethoven nasceu em 1770 em Bonn, na Renânia. Era o momento certo - a música estava pronta para ele.

Depois das sonatas, Beethoven voltou ao piano para escrever as 33 Variações sobre uma valsa de Diabelli, op. 120 (1823). Chegou a interromper o trabalho da Missa Solemnis para variar um medíocre tema alheio, no qual descobrira inesperadas possibilidades combinatórias. É a maior obra de variações da literatura musical, superior até as Variações Goldberg de Bach. Nos seus últimos anos, Beethoven só escreveu para o piano o que chamava de 'bagatelas'; uma delas, separadamente publicada, é o Rondó em sol maior, op. 129 (1823), expressão de humorismo burlesco de quem, das maiores alturas, caiu para as pequenas misérias da vida cotidiana.



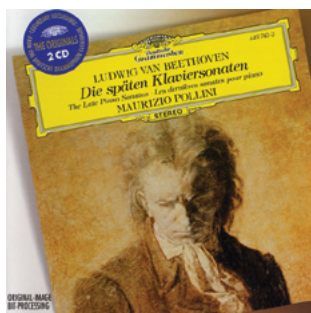
Sonatas para Piano (Integral)

Annie Fischer (piano)
Hungaroton 41003 (9 CDs)

Annie Fischer (1914-1995) foi uma das grandes pianistas do século XX que teve, ainda, como características bem destacadas, uma capacidade emocional única, revelando belezas desconhecidas, despertando novos efeitos da técnica do piano, enriquecendo a capacidade de expressão de cada obra que interpretou. É considerada uma das principais herdeiras da tradição da escola húngara de piano.

Em Beethoven, é espantosa a força e simplicidade da pianista nos fraseados, nas articulações e nos ritmos, além da precisão nos contrastes. Perfeccionista ao extremo, Annie Fischer impediu durante algum tempo a edição da integral das sonatas de Beethoven pelo selo Hungaroton. As razões invocadas pela pianista para retardar a edição desse documento sonoro causaram perplexidade; tal realização traz performances da mais absoluta elevação e constitui um conjunto imperecível de um Beethoven recriado, como poucas vezes na história da interpretação. A técnica é assombrosa, toda feita de precisão, vigor e ardor percussivo. O famoso crítico inglês Michael Tanner escreveu sobre essas gravações: 'É verdadeiro dizer que poderíamos - e quase deveríamos - escrever um ensaio sobre cada uma de suas interpretações de Beethoven'. A audição dessa integral das 32 sonatas para piano de Beethoven é uma experiência inesquecível, e, com certeza, o ouvinte estará diante de uma pianista senhora de todas as suas faculdades artísticas.

Recomendações adicionais: **Piano Sonatas** - E. Gilels / DG B000768902 ou 453221-2 (9 CDs). **Complete Piano Sonatas**. Piano Concertos - C. Arrau / Philips 462358-2 (14 CDs). **Complete Piano Sonatas** - W. Kempff / DG 447966-2 (8 CDs, mono). **Complete Piano Sonatas** - A. Brendel / Philips 446909-2 (10 CDs), 1996, New digital recordings. **The 32 Sonatas** - W. Backhaus / Decca 'Original Masters' 475719-2 (8 CDs).



As Últimas Sonatas para Piano

Maurizio Pollini (piano)

DG 'Originals' 449740-2 (2 CDs)

Em todas as suas últimas sonatas para piano (a começar pela no 28, op. 101), a maneira de Beethoven escrever para o teclado adquire um caráter sinfônico. A essa altura, ele já se apoderara de todos os recursos do piano em matéria de cor, matices de expressão, dinâmica, e explorava-os a fundo. Como se dá com a maioria das obras desse período final, a linguagem de Beethoven atinge aqui rara intensidade, sendo intrepidamente explorados novos rumos da música que revelam, ao mesmo tempo, uma subterrânea corrente de misticismo.

Maurizio Pollini, uma das personalidades mais profundas e sutis do piano contemporâneo, é o intérprete ideal para traduzir todos os aspectos surpreendentes dessas obras modernas e complexas. O artista italiano desmonta e remonta a sublime arquitetura dessas partituras sem jamais tirar seu fulgor, sua força e significação, revelando-se um pianista dominador, incandescente e diabólico. Alguns poderão preferir as imaculadas performances de Solomon, Arrau, Brendel, Gilels, Serkin ou Kempff dessas obras do período final de Beethoven, mas, com certeza, a modernidade, a lucidez e a espantosa perfeição do toque de Pollini encantarão o ouvinte.

Recomendações adicionais: Piano Sonatas (nº 27 a nº 32) - K. Solomon / Emi 'References' 764708-2. **The Late Piano Sonatas** - A. Brendel / Philips 'Duo' 438374-2 (2 CDs). **The Late Piano Sonatas** (nº 29 a nº 32). Six Bagatelles - C. Eschenbach (piano) / Emi 'Gemini' 585499-2 (2 CDs).



Sonatas para Piano: nº 8, op. 13 'Patética'; nº 14, op. 27 'Ao luar'; e nº 23, op. 57 'Apassionata'

Claudio Arrau (piano)

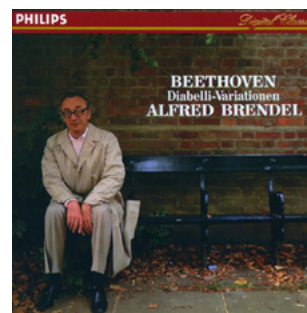
Philips 'Concert Classics' 422970-2 ou

DG 'Originals' 478213-2

Aqui se encontram três dentre as mais conhecidas e amadas sonatas de Beethoven - a 'Patética', repleta de pathos e de sentimento, constitui uma boa mostra da preocupação de Beethoven quanto à exteriorização de reações emocionais por meio da música; a 'Apassionata' assinala um momento de grande relevo no desenvolvimento artístico de Beethoven, comparável ao evidenciado pela 5ª Sinfonia - a emoção do compositor não se apresenta dramatizada nem superficial, como se ouve na 'Patética', mas integrada, pulsante dentro das notas; e a sonata 'Ao luar', que começa com um adágio descrito como um 'rio sonoro' que não para de fluir, com uma melodia de caráter confessional, íntima e profunda.

O pianista chileno Claudio Arrau (1903-1991) foi um dos últimos representantes da grande tradição do piano romântico, tendo sido aluno de um dos discípulos de Liszt, Martin Krauser. Sua execução de Beethoven, um de seus compositores prediletos, constitui um assombro de equilíbrio entre a liberdade da técnica interpretativa e a fidelidade, que nunca transpõe os limites da partitura. O toque é escultural; e o caráter, introvertido. Arrau usa tempos expressivos e imperiosos em que a emoção alcança as profundezas da alma. Os poetas e os músicos apreciarão, certamente, tal densidade.

Recomendações adicionais: Piano Sonatas - S. Kovacevich / Philips 'Great Pianists of the 20th Century' 456877-2 (2 CDs). **Piano Sonatas** - A. Rubinstein / RCA 'Living Stereo' Sacd 82876-71619-2. **Piano Sonatas** - N. Freire / Decca 02894758155. **Favourite Piano Sonatas** - A. Brendel / Philips 'Duo' 438730-2 (2 CDs).



Variações Diabelli: 33 variações sobre uma valsa de Diabelli Alfred Brendel (piano)

Philips 426232-2

Já houve quem denominasse as 'Variações Diabelli' de a 'Arte da Fuga' de Beethoven. Tal como Bach fez de sua última obra um resumo final das inesgotáveis possibilidades da fuga, também Beethoven procurou exhibir, neste trabalho, toda a opulência imaginativa compatível com a forma de variação. O tema não passa de uma valsinha trivial e estereotipada. No entanto, com que superioridade de estilo, com que alternativas de expressão e riqueza temática, Beethoven desenvolveu e ampliou, emprestando-lhe inúmeras formas e aspectos, um assunto tão insignificante! A mera correlação melódica é secundária ou até, com frequência, inexistente: harmonia e estrutura são os pontos essenciais. Entretanto, eles são alterados quase que ao infinito, sem se perder o fio imaginário que perpassa toda a obra. As trinta e três variações parecem explorar integralmente as possibilidades da arte do teclado, exprimindo sentimentos que vão do meditativo ao fantástico, do tranquilo ao dramático, do imponente ao caprichoso.

Visionário, por vezes, como na interpretação de Arrau, Alfred Brendel alcança o limiar da imobilidade, do estático para, em seguida, literalmente explodir. Desse modo, ele não se prende no instante e coloca a arquitetura em evidência, com suas continuidades e suas rupturas.

Recomendações adicionais: **Variações Diabelli** - C. Arrau (piano) / Philips 416295-2. **Variações Diabelli** - S. Richter / Philips 422416-2. **Variações Diabelli** - S. Kovacevich / Onyx 4035. **Bagatelles** - S. Kovacevich / Philips 'Concert Classics' 426976-2.



BEETHOVEN: MÚSICA DE CÂMARA

XX Omar Castellán

Seria muita presunção definir em algumas linhas a essência do gênio beethoveniano, que deu o exemplo de todas as inovações e engrandeceu, de tal modo, as formas tradicionais, que elas parecerão eternas e capazes de conter toda a invenção musical por vir. A sua obra, situada na confluência dos séculos XVIII e XIX, transcende o classicismo e transporta em si todo o romantismo. No entanto, ela ultrapassa igualmente essa alternativa, na qual se tenta encerrá-la - é o que se verifica, particularmente, com a música de câmara. O rebentar do quadro formal e tonal da forma sonata - que se observa igualmente nas obras para piano - precipita uma evolução que subverte os esquemas estabelecidos e as ideias aceitas para esta ou aquela época, esta ou aquela sensibilidade.

A obra de câmara de Beethoven é constituída por quatro grupos principais - no ápice dos quais, os dezessete quartetos de cordas, incluindo 'A Grande Fuga'; vêm depois as dez sonatas para violino e piano, as cinco sonatas para violoncelo e piano, e os sete trios para piano e cordas. Há que acrescentar partituras mais isoladas, mas de valor, como uns trios de cordas ou um septeto. No seu conjunto, muitas destas - obras de juventude ou obras de encomenda convencionais, acima de tudo - não apresentam mais que um interesse menor.



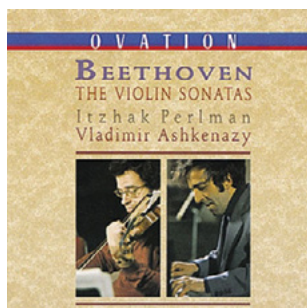
Quartetos de Cordas (integral)

Quarteto Vegh
Auvidis / Naive
V4871 (8 CDs)

Os quartetos de cordas de Beethoven representam, provavelmente, um dos ciclos mais importantes da história da música, em razão não somente da qualidade intrínseca das obras, mas, igualmente, de sua influência na evolução musical. A partir da dupla herança de Haydn e Mozart, Beethoven confiou suas buscas mais secretas e suas confidências mais profundas nesses quatro arcos. Assim, interpretar tal ciclo por um conjunto significa o coroamento de toda uma vida musical.

A performance realizada pelos Vegh mantém, até agora, uma posição de eminência através de uma concepção que tanto pode fornecer o simples quanto a transcendência. Eles personalizaram ao extremo cada uma dessas obras, manifestando uma expressividade intensa. Os tempos são, frequentemente, lentos, realçando a plenitude dos acentos, a interrogação, a transparência dos contrastes dinâmicos, a modernidade abrupta e o radicalismo, principalmente nas últimas páginas (12º ao 17º quartetos), notavelmente compreendidos e assimilados. Às vezes, é a liberdade das nuances e do fraseado que importa (o início do 12º e 13º), às vezes, a generosidade lírica (7º). A sonoridade favorece os registros graves, como no op. 18, e, no op. 59 ('Rasumovsky'), a visão é mais introvertida.

Recomendações adicionais: Quartetos de Cordas (integral) - Quarteto Italiano. Philips 454062-2 (10 CDs). Quartetos de Cordas (integral) - Quarteto Alban Berg. Emi 573606-2 (7 CDs). Quartetos de Cordas (integral) - Quarteto Talich. Calliope 3633/39 (7 CDs).



Sonatas para Violino e Piano

*I. Perlman (violino) e
V. Ashkenazy (piano)*
Decca 421453-2 (4 CDs)

Ninguém em sua época, ou anteriormente, concorreu tanto quanto Beethoven nestas sonatas para dar individualidade e emancipação ao violino. Sua concepção de sonata para violino e piano era a de uma unidade artística - o instrumento de cordas e o piano eram colaboradores numa aventura artística, cada qual contribuindo para a obra com sua própria gama de tons, sonoridades e dinâmica. Em Beethoven, ainda mais do que em Mozart, há um maravilhoso entrelaçamento entre violino e o piano, formando uma associação indissolúvel. E nas mais belas dessas páginas (como a 'Primavera' e 'A Kreutzer') há uma riqueza de sentimento poético que lhes dá um interesse distinto do encanto que possuem como música. A última sonata, a nº 10, mostra um Beethoven em estado de invulgar serenidade.

A integral das sonatas para violino e piano de Beethoven, com Itzhak Perlman e Vladimir Ashkenazy, está apaixonante e situa-se entre as primeiras em excelência. O ímpeto, a espontaneidade, o entusiasmo juvenil, o equilíbrio e a osmose entre os dois músicos são totais. Quanto ao estilo, ele está impregnado de tato, de reserva e de pudor, mas, também, com uma precisão fascinante.

Recomendações adicionais: Sonatas para Violino e Piano - Kremer / Argerich. DG 447058-2 (3 CDs). **Sonatas para Violino e Piano** - Dumay / Pires. DG 471595-2 (3 CDs). **Sonatas para Violino e Piano** - Oistrakh / Oborin. Philips 468406-2 (4 CDs).



Sonatas para Violoncelo e Piano

Miklós Perényi (violoncelo), András Schiff (piano)
ECM 472401-2 (2 CDs)

Entre 1796 e 1815, Beethoven compôs cinco sonatas para violoncelo e piano. Confrontando-as com as sonatas para violino, escreveu Paul Becker: 'O violoncelo adapta-se melhor que o violino como instrumento solista num dueto de música de câmara; seu nobre tom de tenor e seu caráter viril, grave, ao mesmo tempo adaptável e atraente, ultrapassam, para tal propósito, a bravura do violino e substituem os fogos de artifício por um cantabile cheio de simplicidade. Isso explica a significação mais íntima das sonatas op. 5, compostas em 1796, em comparação com a sonata para violino, op. 12, escrita posteriormente'. No entanto, as mais famosas sonatas são as duas últimas, do op. 102, em que as formas tradicionais clássicas são tacitamente minadas, tornando-se ásperas, com uma polifonia instrumental mais dura e uma expressão enigmática.

Os solistas húngaros veteranos, Perényi e Schiff, oferecem uma interpretação das mais luminosas dessas sonatas. Eles conseguem transmitir o irresistível sentimento de surpresa e de arrebatamento dessas peças, através de sua destreza e naturalidade no diálogo adquirido ao longo de suas vidas, pela familiaridade com a música de Beethoven. O equilíbrio está requintado, o conjunto é íntimo, e sua inspiração atinge o inebriante.

Recomendações adicionais: Sonatas para Violoncelo e Piano e outras obras - Rostropovich / Richter. Philips 'Duo' 442565-2 (2 CDs). **Sonatas para Violoncelo e Piano e outras obras** - Adrian e Alfred Brendel. Philips 475379-2 (2 CDs). **Sonatas para Violoncelo e Piano** - Bylsma / Immerseel. Sony S2K60761 (2 CDs).



Trios para Piano e Cordas

W. Kempff (piano), H. Szeryng (violino) e P. Fournier (violoncelo)
DG 415819-2 (3 CDs)

Beethoven tem diversos trios de juventude, e os trios com piano formam, aliás, o seu opus 1. Mas há dois trios de alta maturidade, que ocupam uma categoria à parte - o trio op. 70, chamado 'Trio Fantasma' (que tem um segundo movimento considerado como a mais profunda expressão de melancolia em toda a música), e, sobretudo, o 'Trio Arquiduque', op. 97, dedicado ao seu protetor, Rodolfo, que é, certamente, a obra-prima desse gênero tão poético. O seu Scherzo e o Finale são de perfeição tão absoluta como, em outro estilo, seria um Concerto de Bradenburgo; o terceiro movimento é a mais comovente elegia de despedida já realizada na música.

Essa versão dos trios para piano, gravada nos anos 70, mostra-se excepcional. Em primeiro lugar, pela presença de três artistas imensos que coroam o conjunto e, também, pelo supremo amor e fervor a Beethoven, que eles transmitem através de sua performance. Aqui, todas as páginas estão magistralmente equilibradas, ardentes e revigorantes. Beethoven aparece brilhante, lírico, romântico e humano. A sensualidade, o fraseado do violino e do violoncelo conciliam-se maravilhosamente, e o piano revela-se estimulante.

Recomendações adicionais: Trios para Piano - Stern / Rose / Stomin. Sony SM2K64510 (2 CDs) e SM2K64513 (2 CDs). **Trios para Piano** - Beaux Arts Trio. Philips 468411 (5 CDs). **Trios para piano** - Barenboim / Zukerman / du Pré. Emi 'Double Forte' 574831-2 (2 CDs) e 574834-2 (2 CDs). Septeto, op. 20 e Sexteto, op. 81b - Wiener Kammerensemble. Denon CO-75373.



BEETHOVEN: OBRAS VOCAIS

XX Omar Castellán

Compositor instrumental por excelência, a escrita vocal de Beethoven não é prolífica: escreveu uma ópera, duas Missas, Fantasia Coral, algumas canções (Lieder), arranjos de canções folclóricas, três cantatas e obras esparsas.

Fidélio (1805 - revisada em 1814), a única ópera escrita por Beethoven, evidencia apaixonado idealismo revolucionário e a crença de que o verdadeiro amor tudo redime, tema característico da primeira fase do romantismo. Fidélio é uma criação séria e instigante, uma 'ópera sinfônica' que deve ser tanto ouvida quanto vista no palco para produzir seu desejado efeito. Antes de realizar tal experiência, contudo, seria útil ouvir as três aberturas Leonore, baseadas em temas musicais da ópera, principalmente a nº 3, além de trechos escolhidos, como a comovedora 'Cena da Prisão'. A única obra vocal capaz de emparelhar-se a ela, se deixarmos de lado o último movimento da 9ª sinfonia, é a Missa Solemnis, op.123 (1818), sua segunda Missa católica, concebida menos como obra devocional do que como reafirmação de fé, tanto em Deus quanto na natureza criativa e veemente da própria humanidade. A música, a propósito, vai além do significado religioso específico das palavras e se dirige indistintamente a todos os homens crentes e não crentes. A longa extensão da Missa Solemnis intimida os promotores de concertos, mas permanecerá para sempre como uma das obras culminantes do repertório coral de grande escala, digna companheira da Paixão Segundo São Mateus e da Missa em si menor de Bach, assim como da Missa em si menor, de Bruckner, e da 8ª Sinfonia, de Mahler.

O Lied sempre foi uma forma musical perseguida por Beethoven. Existe gênero mais adequado à expressão do amor contrariado? Não é por acaso que Beethoven, o eterno apaixonado, tenha escrito pelo menos seis canções denominadas 'Sehnsucht', vocábulo intraduzível, misto de ansiedade, angústia, saudade e outros ingredientes. Também, ele dedicou Lieder a Josephine Deym, Therese Malfatti e Antoine Brentano. E, talvez, tenha sido a misteriosa 'Amada Imortal' que tenha inspirado o magnífico lied extensivo, An die ferne Geliebte ('Para a amada distante').

A Fantasia Coral está entre as raras obras que Beethoven escreveu sem interrupção, e suas falhas se devem, em sua maior parte, à pressa. Mas são mais que obscurecidas pela extraordinária originalidade da concepção. Não é uma obra coral com parte para piano; ao contrário, Beethoven escreveu música em que as vozes são subservientes ao piano, e ele a encarava como um concerto para piano com feições inteiramente novas, sendo o coro visto como apenas uma delas.



Trios para Piano e Cordas

W. Kempff (piano), H. Szeryng (violino) e P. Fournier (violoncelo)
DG 415819-2 (3 CDs)

A Fantasia Coral não é uma partitura das mais comuns, não apenas em seu propósito como também em sua elaboração, para a qual o compositor enfrentou algumas dificuldades. Ela é, ao mesmo tempo, uma gênese e uma síntese. Valendo-se das liberdades da forma, Beethoven - pianista, compositor coletivista e idealista por excelência - tenta fazer uma fusão entre a linguagem íntima, confidencial (que ele dá ao seu instrumento favorito, o piano) e os prolongamentos da orquestra e do coro. Se Beethoven for um compositor de sua simpatia, dificilmente você poderá deixar de se interessar por uma concepção tão extraordinária e original, quaisquer que sejam suas falhas.

Apesar dessa versão do Concerto nº 3 para piano ser uma maravilha de lirismo, em que se destaca o piano poético de Rudolf Serkin, ela não é o ponto culminante do CD. O fascínio está na Fantasia Coral, em que o pianista está soberbo. Mesmo que o idoso solista não esteja com a precisão de antes, a sua chama ainda abrasa intensamente. Acompanhado por um coro caloroso e por um Seiji Ozawa inspirado, essa interpretação é, ainda, uma das melhores que poderão ser encontradas.

Recomendação adicional: Fantasia Coral e Concerto para Piano nº 5 - A. Brendel / London Chorus and Philharmonic Orchestra / Alldis and Haitink. Philips 'Insígnia' 434148-2.



Missa Solemnis

E. Mei, M. Lipovsek, D. Johnson, R. Holl. Arnold Schoenberg Chorus. Chamber Orchestra of Europe. N. Harnoncourt (regente) Teldec 903174884-2 (2 CDs)

Fruto dos últimos anos do compositor, a Missa Solemnis é uma das obras da mais elevada concepção. Devemos recordar a dedicatória escrita por Beethoven na primeira página da partitura: 'Tendo saído do coração, possa ela atingir o coração'. Efetivamente, a obra possui uma grande intensidade emotiva. Nela, não conseguimos vislumbrar nem a exaltação espiritual nem a piedosa humildade que Bach infundiu em sua música. Isso porque Beethoven não era homem para curvar-se diante de ninguém, nem mesmo de Deus. A religiosidade da Missa Solemnis não é, por assim dizer, a da igreja ortodoxa, mas a do espírito humano que necessita impor-se orgulhosa e desafiadoramente como uma expressão da sua personalidade.

A leitura dinâmica e espiritual de Harnoncourt faz apelo principalmente aos instrumentos modernos da excelente Orquestra de Câmara da Europa, somando-se os efeitos dos trompetes, trombones e timbales de época, que dão à Missa um tom pungente e insistente. Graças a um conjunto notável de solistas e ao coro fenomenal, essa interpretação magnificamente articulada reflete a excitação intensa da obra e, também, inspira um grande sentimento de devoção.

Recomendações adicionais: Sonatas para Violino e Piano - Kremer / Argerich. DG 447058-2 (3 CDs). **Sonatas para Violino e Piano** - Dumay / Pires. DG 471595-2 (3 CDs). **Sonatas para Violino e Piano** - Oistrakh / Oborin. Philips 468406-2 (4 CDs).



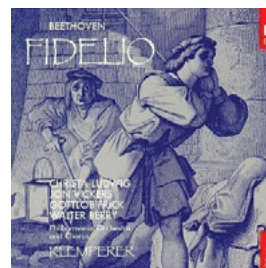
Lieder (Canções)

Stephan Genz (barítono), Roger Vignoles (piano) Hyperion 67055

Encontra-se, em alguns textos, que Beethoven não escrevia bem para a voz e que o lied era o gênero em que ele não se sentia à vontade. Isso não é verdade. Giulietta Guicciardi, Betina Brentano, Therese Malfatti, Magdalene Wilmann, Elisabeth Röckel, Marie Bigot, ou talvez uma centena de desconhecidas, teriam sido alvos das súbitas e intensas, mas passageiras paixões de Beethoven. Entretanto, o mais importante a respeito disso seja justamente o elevado nível da mortalidade das inúmeras 'Amadas Imortais', além da ansiedade, da angústia efetiva com que estão impregnados os Lieder de Beethoven.

A qualidade artística dos intérpretes está excepcional. O jovem Stephan Genz, nos seus vinte anos, tem ainda a voz imaculada e a dicção segura, não demonstrando, absolutamente, nenhum artifício. O seu frescor e espontaneidade poderão sensibilizar o coração, os ouvidos e a mente, principalmente na canção *An die ferne Geliebte*, o ponto culminante do programa. Roger Vignoles, bom especialista no lied, jamais é estéril no acompanhamento ao piano, cultivando a inteligência e a simplicidade sempre em estado de graça. Uma excelente ocasião para sentir o trabalho de Beethoven na linha melódica.

Recomendações adicionais: Irish, Welsh and Scottish Songs - S. Daneman, P. Agnew, P. Harvey, A. Moccia (vn), A. Verzier (vc), J. Hantai (fp). Astrée Naïve E8850. Cantatas - Corydon Singers and Orchestra / Matthew Best. Hyperion 66880.



Fidélio

Philharmonia Chorus and Orchestra. C. Ludwig, J. Vickers, G. Frick, W. Berry O. Klemperer (regente) EMI 7243 567631-2 (2 CDs)

Obra à parte, em todos os sentidos, *Fidélio* é a única ópera de Beethoven. É, como *A Flauta Mágica*, de Mozart, um Singspiel, com texto alemão falado entre as árias e os coros. Não é uma ópera como as outras, mas peça para ser representada em ocasiões solenes - um cântico dramático da vitória do amor conjugal sobre a tirania política. Um enredo então muito conhecido, o mesmo da ópera *Les deux Journées* de Cherubini, foi transformado por Beethoven em tragédia das prisões subterrâneas do corpo e do espírito e, ao mesmo tempo, em cântico da Liberdade.

O *Fidélio* genial de Klemperer é, sem dúvida nenhuma, o ápice da discografia. A influência da grande tragédia antiga fica evidente nessa performance. Encontra-se aqui a marca registrada do maestro alemão - a autoridade, a clareza e a emoção. Os cantores, soberbos, chegam à perfeição: Jon Vickers, uma mescla de juventude, ternura e lirismo; Christa Ludwig, a transtornada Leonora; e Walter Berry, um Pizarro 'noir', ansioso. As duas grandes cenas corais da obra triunfam pela sua amplitude e progressão.

Recomendação adicional: Fidélio - W. Glashof, A. Titus, G. Winbergh, I. Nielsen, K. Moll / Hungarian Radio Ch. and N. Esterhazy Sinfonia / M. Halaz. Naxos 8.660070-71 (2 CDs).



EQUILÍBRIO TONAL, ACÚSTICA E ELÉTRICA. 75% DO PACOTE HIGH-END

Sempre que começávamos uma nova turma do curso de percepção auditiva, explicávamos que existem três quesitos que, juntos, representam 75% do resultado final em qualquer sistema high-end.

São eles: tratamento acústico (25%), tratamento elétrico (25%) e equilíbrio tonal (os outros 25%).

O leitor atento (que ainda não tenha participado em nossos cursos) perceberá que sobram então apenas 25% para os outros sete quesitos da metodologia: soundstage, textura, transientes, dinâmica, corpo harmônico, organicidade e musicalidade. Isso nos leva a deduzir que se concentrarmos nossos esforços nos primeiros 75% certamente estaremos bem encaminhados.

O problema é que a maioria dos audiófilos ainda não se deu conta de que acústica, elétrica e equilíbrio tonal são questões fechadas. E adiar o problema fatalmente significa extrair muito menos do que um bom sistema high-end pode oferecer.

Eu sou testemunha de que mais de 80% dos bons sistemas que escutei até hoje soaram abaixo do seu potencial. Ao fazer uma avaliação criteriosa desses sistemas, era notório deficiências no tratamento acústico, falta de cuidados básicos com a parte elétrica,

problemas com a sinergia entre os componentes e erros na escolha dos cabos de interligação e força.

Ainda hoje, muitos audiófilos acreditam que a troca de parte dos componentes de seus sistemas ou de cabos poderá driblar o problema de excesso de grave da sala ou corrigir uma determinada agressividade na região médio/alta ao utilizar um cabo de interligação mais “velado”.

O que esses audiófilos esquecem é que não há como ‘burlar’ a necessidade de um equilíbrio tonal correto no sistema. Perdendo-se o equilíbrio tonal se perde também o timbre correto.

E pior, ao escolher um cabo mais velado na tentativa de amenizar as altas frequências, se perde características importantes do sound-stage, como a ambiência (capacidade de se escutar a reverberação da sala de gravação). E também se compromete a reprodução das texturas de inúmeros instrumentos de sopro, cordas e percussão.

Na minha opinião, quando não for possível tratar acusticamente a sala de audição nem tão pouco utilizar uma rede elétrica dedicada, é preferível se contentar com um sistema mais simples e modesto. ►

Felizmente, com o avanço dos produtos ditos de entrada nos últimos anos, inúmeros novos leitores estão conseguindo montar seus sistemas e nos relatam estar bastante satisfeitos com o resultado. Isso os tem animado para melhorar a acústica e a parte elétrica das salas de audição.

Se a audiofilia deseja se manter viva, ela precisa inevitavelmente renovar seu público e oferecer soluções aos novos usuários que não os assuste financeiramente. E, acima de tudo, necessita informá-los que a base de um bom sistema high-end depende do melhor equilíbrio tonal possível.

Alguns cuidados simples mas essenciais podem ser feitos por qualquer um. Fazer uma rede elétrica dedicada, utilizar um condicionador de energia (se for preciso), ter cuidados mínimos na acústica da sala (um bom tapete, cortinas nas janelas e, na falta de difusores, uma estante com livros atrás do ouvinte) podem ser um bom começo. Com um mínimo de planejamento e bom senso é possível conseguir bons resultados mesmo em sistemas mais modestos.

Diria que o momento não poderia ser mais fecundo, pois temos consumidores interessados, um mercado repleto de boas opções e propostas bastante atraentes que atendem desde o sistema de entrada até um Estado da Arte.

Se esta nova legião de consumidores iniciar sua trajetória não abrindo mão do tratamento acústico, elétrico e do equilíbrio tonal do sistema teremos um mercado completamente renovado nos próximos anos. E o mais importante: consumidores felizes com todo o investimento e tempo dedicados à audiofilia.

Espero poder viver para presenciar este grande momento! ■



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual diretor da Revista Áudio Vídeo Magazine, onde foi editor por 21 anos. É organizador do Hi-Fi Show e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de percepção auditiva e produz gravações audiófilas. Atualmente é responsável pelo portal: www.pontohiend.com



Amplificador Integrado
Sunrise Lab V8 MkIII

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

VOCÊ VAI VER TUDO COM OUTROS OLHOS.

Imagens ilustrativas

ACF 2500 - S



ACF 2500-S

VOL 5000-2

ACF 1700 - S



ACF 1700-S

VOL 3500-S

Novo ACF Nova Tecnologia

criação: msdesigner@hotmail.com

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100

UPS AI
sistemas de energia